

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

Ana Cléia de Oliveira Páscoa Martins Yoshizaki

A educação dos filhos de imigrantes japoneses: Escola Visconde de Cairu

Paranaíba-MS

2017

Ana Cléia de Oliveira Páscoa Martins Yoshizaki

A educação dos filhos de imigrantes japoneses: Escola Visconde de Cairu

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luís Oliveira
Athayde Paes

**Paranaíba-MS
2017**

Y63e Yoshizaki, Ana Cléia de Oliveira Páscoa Martins.

A educação dos filhos de imigrantes japoneses: Escola Visconde de Cairu/
Ana Cléia de Oliveira Páscoa Martins. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2017.
90f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Luís Athayde Oliveira Paes.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) –
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de
Paranaíba.

1. Educação nas colônias. 2. Escolas étnicas. 3. Escolas japonesas. I.
Yoshizaki, Ana Cléia de Oliveira Páscoa Martins. II. Universidade Estadual
de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Pedagogia. III.
Título.

CDD – 370.981

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

Ana Cléia de Oliveira Páscoa Martins Yoshizaki

A educação dos filhos de imigrantes japoneses: Escola Visconde de Cairu

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como requisito parcial para obtenção da graduação de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ademilson Batista Paes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof.^a Dr.^a Estela Natalina Mantovani Bertoletti
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof.^a Me. Radaí Cléria Felipe Gonçalves
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Dedico este trabalho ao meu esposo Sergio
e ao meu filho Felipe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família que contribuiu para a conclusão desta etapa em minha vida, e por compreender os momentos em que estive ausente dedicando-me aos estudos.

Ao meu esposo Sergio pela paciência e esforço dedicados para que este sonho se concretizasse.

À minha sogra Mitiko, pelo incentivo na realização deste curso, pela confiança e ajuda sempre que precisei.

À minha mãe, que mesmo distante se fez presente via telefone, ouvindo e fortalecendo.

Às amigas Débora, Edna e Jessica Adria, companheiras inseparáveis de trabalhos e irmãs na amizade. Fizeram parte da minha formação e vão continuar presentes em minhas lembranças.

Às minhas queridas professoras Estela Natalina Mantovani Bertoletti e Radaí Cléria Felipe Gonçalves, por terem aceitado compor a banca avaliadora deste trabalho.

À Prof^a. Me. Carina Maciel pelos ensinamentos e companheirismo.

Às secretárias Marcia e Neuzeli, e aos bibliotecários Junior, Roseni e Susy, pelo ótimo atendimento que sempre recebi.

À esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram muitas experiências durante minha formação acadêmica e pessoal.

À todas professoras por me proporcionar além do conhecimento, respeito e afetividade tanto no processo de formação acadêmica quanto na formação pessoal.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Luis Oliveira Athayde Paes pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

À Vitor Nagae Uehara pelo atendimento prestado no Centro de Visto Japonês (JBAC), sem o qual, este sonho poderia ter sido interrompido.

À todas colegas que caminharam junto comigo, por terem gargalhado com as piadas sem graça que eu contei, por conhecer meu lado mais complicado e mesmo assim permaneceram junto comigo.

RESUMO

O foco central na execução deste trabalho foi a Escola Visconde de Cairu, tendo como objetivo compreender a cultura escolar por meio da composição curricular e dos documentos desta instituição. Fundada em 1918 por imigrantes japoneses, nomeada inicialmente de Escola Japonesa Hanja, a instituição situava-se na colônia e foi transferida posteriormente para a área central do município de Campo Grande (MS), e a partir de 1927 a escola passou a ser denominada Escola Visconde de Cairu. Sabe-se que a chegada desses sujeitos no Sul do então estado de Mato Grosso, foi concretizada, sobretudo, em decorrência da construção da Ferrovia Noroeste Brasil (NOB), trajeto de Bauru (SP) a Campo Grande (MS). Com o fim das obras (1914), a preocupação com a educação dos filhos impulsionou os imigrantes japoneses a construir na colônia, um espaço destinado a instrução das próximas gerações. Esses espaços construídos nas colônias ficaram conhecidos como escolas étnicas. Possuíam um currículo diferenciado, pois ocupavam-se do ensino da língua do país de origem, que foi suprimida posteriormente na década de 1940, pelo governo Getúlio Vargas. A metodologia utilizada neste trabalho envolveu pesquisa bibliográfica, coleta de fontes documentais na Escola Visconde de Cairu e a realização do estado do conhecimento com levantamento das pesquisas sobre instituições escolares de imigrantes japoneses. As pesquisas foram detectadas nos seguintes bancos de dados digitais: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), bem como nas bibliotecas das universidades estaduais e federais de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Educação nas colônias. Escolas étnicas. Escolas japonesas.

ABSTRACT

The central focus in the execution of this paper was the Escola Visconde de Cairu (Visconde de Cairu School), aiming to understand the school culture by the curricular composition and documents from this institution. Founded in 1918 by Japanese immigrants, initially named as Escola Japonesa Hanja (Japanese School Hanja), the institution was located in the colony and was later transferred to the central area of the municipality of Campo Grande (MS), since 1927 the school started being called as Escola Visconde de Cairu. It's known that the arrival of this people in the South of the, by the time, state of Mato Grosso was implemented, mainly, as a result to the construction of the Ferrovia Noroeste Brasil – NOB (Northwest Railroad Brazil), route from Bauru (SP) to Campo Grande (MS). With the end of the works (1914), the concern with the education of the children impelled the Japanese immigrants to build, in the colony, a space destined to the instruction of the next generations. The spaces built in the colonies became known as ethnic schools. They had a different curriculum since they based the teaching in the language of the country of origin, which was suppressed later in the 1940s by the Getúlio Vargas government. The used methodology in this work involved bibliographical research, collection of materials in the Escola Visconde de Cairu and the comprehension of the state of knowledge with surveys about school institutions of Japanese immigrants. The researches were detected in the following digital data bank: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT (Brazilian Institute of Science and Technology Information), Banco de Teses e Dissertações da CAPES - BTDC (Bank of Theses and Dissertations of Coordination of Improvement of Higher Education Personnel) and Scientific Electronic Library Online (SciELO), as well as in the libraries of the state and federal universities of Mato Grosso do Sul.

Key words: Education in the colonies. Ethnical schools. Japanese Schools.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa das colônias de imigrantes japoneses em Campo Grande/MS.....	49
FIGURA 2 – Professor e alunos dos primórdios da Escola de Língua Japonesa de Hanja	50
FIGURA 3 – Documento utilizado durante a Segunda Guerra (Salvo Conducto)	52
FIGURA 4 – Alunos da Escola Japonesa de Campo Grande em 1926	53
FIGURA 5 – Dr. Luis Alexandre de Oliveira.....	54
FIGURA 6 – Sr. Luiz Alexandre com os alunos da Escola Visconde de Cairu entoando o Hino Nacional Brasileiro.....	55
FIGURA 7 – Ayd Cesar Camargo.....	56

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Áreas do conhecimento que desenvolveram pesquisas relacionadas com o tema	29
GRÁFICO 2 – Instituições onde ocorreram as pesquisas.....	30
GRÁFICO 3 – Nacionalidade dos alunos matriculados em 1933.....	61
GRÁFICO 4 – Índice de desempenho no período matutino	62
GRÁFICO 5 – Índice de desempenho no período vespertino	63

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Resultados obtidos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC) ..	27
QUADRO 2 – Resultados obtidos na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO).....	28
QUADRO 3 – Resultados obtidos na biblioteca virtual do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)	28
QUADRO 4 – Resultados obtidos na biblioteca virtual do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)	29
QUADRO 5 – Tipos de pesquisa.....	31
QUADRO 6 – Diretores e suas gestões na Escola Visconde de Cairu	59
QUADRO 7 – Professores que lecionaram na Escola Visconde de Cairu	59
QUADRO 8 – Disciplinas avaliadas.....	61

TABELA

TABELA 1- Resultado das pesquisas em bancos de dados digitais26

ANEXOS

ANEXO 1 – Relação das médias do 1º ano vespertino de 1949.....	69
ANEXO 2 – Relação das médias do 1º ano vespertino de 1949.....	70
ANEXO 3 – Relação das médias do 1º ano matutino de 1949	71
ANEXO 4 – Relação das médias do 1º ano matutino de 1949	72
ANEXO 5 – Relação das médias do 2º ano vespertino de 1949.....	73
ANEXO 6 – Relação das médias do 2º ano vespertino de 1949.....	74
ANEXO 7 – Relação das médias do 2º ano matutino de 1949	75
ANEXO 8 – Relação das médias do 2º ano matutino de 1949	76
ANEXO 9 – Relação das médias do 3º ano vespertino de 1949.....	77
ANEXO 10 – Relação das médias do 3º ano vespertino de 1949.....	78
ANEXO 11 – Relação das médias do 3º ano matutino de 1949	79
ANEXO 12 – Resumo Geral do 3º ano matutino e 4º ano matutino de 1949.....	80
ANEXO 13 – Relação das médias do 4º ano vespertino de 1949.....	81
ANEXO 14 – Registro de matrícula de 1936.....	82
ANEXO 15 – Registro de matrícula de 1936.....	83
ANEXO 16 – Registro de matrícula de 1936.....	84
ANEXO 17 – Registro de matrícula de 1936.....	85
ANEXO 18 – Registro de matrícula de 1936.....	86
ANEXO 19 – Registro de matrícula de 1936.....	87
ANEXO 20 – Registro de matrícula de 1936.....	88
ANEXO 21 – Registro de matrícula de 1936.....	89
ANEXO 22 – Poema de Ulisses Cuiabano de 1948	91

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 IMIGRAÇÃO JAPONESA	16
1.1 EDUCAÇÃO DOS FILHOS DE IMIGRANTES.....	18
2 ESTADO DO CONHECIMENTO: ESTUDOS SOBRE ESCOLAS DE IMIGRANTES JAPONESES	20
2.1 RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DO LEVANTAMENTO NOS BANCOS DE DADOS.....	26
2.2 Tipos de pesquisas da produção sobre a escolarização japonesa.....	31
2.3 ARTIGO.....	31
2.3.1 Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: elementos para a história da educação brasileira	31
2.4 TESES ENCONTRADAS	32
2.4.1 A escolarização da comunidade Nipo-Brasileira de Registro (1913-1963)	32
2.4.2 Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como ensino de língua estrangeira.....	33
2.4.3 Da casa de pau-a-pique aos filhos doutores: trajetórias escolares de gerações de descendentes japoneses (dos anos 1950 aos anos 1990)	34
2.4.4 Escola Alegria de Saber: uma escola brasileira no Japão (1995-2011).....	35
2.4.5 Migrações, processo educacional e os dekassegui: um estudo da rede de relações em torno da criança nikkei na escola brasileira no Japão.....	36
2.5 DISSERTAÇÕES ENCONTRADAS.....	37
2.5.1 A educação japonesa na cidade de Santos (1908-1943).....	37
2.5.2 A escolarização da comunidade nipônica do Bairro Parateí (1960-1980).....	37
2.5.3 A volta dos filhos de dekassegui ao Brasil: escolarização, dificuldades e superação ..	38
2.5.4 O ensino de ciências em uma instituição escolar brasileira: a constituição de uma identidade cultural japonesa	39
2.5.5 Singularidades da educação na colônia agrícola japonesa de Santa Cruz	40
2.5.6 Um estudo sobre crenças de professores nikkeis: abordagens de ensino em uma escola de colônia.....	41
2.5.7 Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa.....	42
3 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA SOBRE A ESCOLA VISCONDE DE CAIRU	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS.....	69

INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa sobre a Escola Visconde de Cairu surgiu a partir de uma conversa informal com o professor Ademilson Batista Paes sobre a imigração dos japoneses e a vinda da família de meu marido ao Brasil. Nesta conversa falamos sobre a cultura japonesa e a chegada destes imigrantes no Brasil. Mencionei que sabia pouco sobre a família do meu marido, pois sempre que surgia alguma oportunidade e o questionava, ele dizia não saber sobre onde seus avós trabalharam inicialmente.

O pouco que tinha conhecimento sobre a imigração era por meio de dois filmes. O primeiro intitulado “Gaijin: Caminhos da Liberdade” de Tizuko Yamazaki, que retrata a chegada dos imigrantes japoneses e sua luta em solo brasileiro. O segundo, uma minissérie produzida pela emissora de televisão japonesa NHK intitulada “Haru e Natsu - As cartas que não chegaram”. A minissérie narra o drama de duas irmãs que foram separadas durante a migração de sua família ao Brasil.

Estes filmes retrataram as dificuldades vividas pelas famílias japonesas, mas estas histórias mostravam uma realidade distante do recorte de passado que conhecia do meu marido. Como se este passado não fizesse parte da família dele. A conversa com o professor sobre a presença da comunidade japonesa na formação da cidade de Campo Grande e sobre a escola que a comunidade construiu, me despertou o interesse em pesquisar a história dos imigrantes.

Comecei a pesquisar sobre a Escola Visconde de Cairu, e sua trajetória, visando compreender como os japoneses conseguiram manter a escola apesar das dificuldades e da repressão que sofreram no período da Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945). Desta forma, o estudo desta instituição se torna oportuno, pois busca agregar elementos à outras pesquisas sobre instituições escolares e permite a outros pesquisadores a compreensão histórica da organização social dos imigrantes, pois estes sofreram mudanças em sua cultura e também influenciaram a cultura campo-grandense.

A viabilidade da pesquisa constitui-se pelo fato de a instituição de ensino estar em pleno funcionamento e pela disposição apresentada pelos administradores e gestores da instituição no desenvolvimento desta pesquisa, durante o um contato prévio. Neste contato prévio se comprometeram a permitir o acesso às fontes documentais para a concretização da pesquisa.

A coleta dos documentos foi realizada por meio de visitas, contatos via telefone, redes sociais e por meio de pesquisas em banco de dados de teses e dissertações de trabalhos acadêmicos que abarcaram o tema escola japonesa.

A seção 1, traça um panorama da chegada dos imigrantes japoneses no Brasil. Para a compreensão deste acontecimento foi realizado uma revisão de literatura amparados pelos autores Kreutz (2000), Handa (1987), Ennes (2006) e Setoguchi (2008). Estes estudos possibilitaram a aproximação ao objeto de pesquisa devido a notoriedade que os imigrantes dedicavam a educação.

Na seção 2, foi realizado o estado do conhecimento acerca de escolas de imigrantes japoneses. O estudo foi fundamentado pelos autores Soares (2000); Ferreira (2002); Charlot (2006); Morosini (2006, 2015) Romanowski e Ens (2006) Morosini e Fernandes (2014), no qual, a partir dos resultados das buscas fomos em busca de detectar a ligação de cada autor com o tema e posteriormente elaboração de sínteses de seus trabalhos e identificação da natureza destas pesquisas bem como dos elementos textuais que compõem trabalhos acadêmicos.

Na seção 3, apresentaremos o resultado da coleta de documentos sobre a Escola Visconde de Cairu, a partir de documentos coletados na instituição e de publicações acerca da instituição. A metodologia aplicada desenvolveu-se a partir de visitas para coleta de documentos como fontes primárias: dados sobre as atividades realizadas pela escola e seus agentes: funcionários e alunos.

Acreditamos que o desenvolvimento desta pesquisa sobre a história da Escola Visconde de Cairu irá fortalecer sua identidade pela contribuição da instituição ao longo de sua trajetória na formação dos sujeitos para a sociedade de Campo Grande MS. Por fim, a ação e os resultados colaborarão nas discussões e no fortalecimento do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação Brasileira (GEPHEB), ao qual estive vinculada.

1 IMIGRAÇÃO JAPONESA

Tomoo Handa, imigrante japonês, descreve em seu livro “*O imigrante japonês*” lançado em 1987, a trajetória de seus conterrâneos em solo brasileiro. Chegaram pelo navio Kasato-Maru, em 18 de junho de 1908, porém o desembarque ocorreu no dia seguinte, aumentando ainda mais as expectativas dos japoneses e aguçando a curiosidade do povo brasileiro com relação aos recém-chegados. Estavam a bordo cento e sessenta e cinco famílias, compostas na sua maioria por camponeses em busca de oportunidades de trabalho nas lavouras de café, suprindo a mão de obra escrava.

O relato de Handa (1987) detalha a jornada de seus conterrâneos desde a primeira alimentação oferecida, hospedarias, viagens de trem e a divisão destes em seis grupos que partiram separados. Cada grupo foi designado a uma fazenda diferente. No entanto, a cada fato relatado por Handa o sonho de enriquecer em solo brasileiro tornava-se mais distante. A frustração dos imigrantes ao encontrar a lavoura em decadência e as perdas de colheitas, causadas pela geada, somaram-se a difícil adaptação na alimentação. A má fé dos comerciantes exploradores que aproveitavam a dificuldade de comunicação para vender seus produtos a preços exorbitantes e o não cumprimento dos acordos feitos pelos grandes fazendeiros fizeram com que muitas famílias abandonassem as terras em busca de oportunidades de trabalho nas obras da ferrovia Noroeste do Brasil (NOB)¹.

O salário oferecido aos operários que trabalhavam na construção da ferrovia foi o determinante para que os imigrantes aceitassem o serviço pesado de desbravar as florestas, porém com a vida precária e o acometimento de doenças como a malária entre outras, houve muitas mortes. Os japoneses têm um sentimento de tradição e de reverência com os antepassados, e por isso, queimavam os corpos e juntavam os ossos para que estes pudessem ser levados para um local adequado onde pudessem ser enterrados com dignidade.

Com a conclusão das obras da linha em 1915, os operários decidiram permanecer nos arredores do vilarejo, que posteriormente deu origem a cidade Campo Grande. Os japoneses fixaram-se na região atraídos pela boa oferta de lotes, encontrando um lugar de futuro promissor, almejando o progresso com a chegada dos trens pela ferrovia.

Os imigrantes passaram a dedicar-se a agricultura unindo-se para vender as verduras nas ruas e no quartel. Eles eram muito elogiados pelo seu desempenho na lavoura conforme podemos observar no comentário do jornal O Paiz do Rio de Janeiro, em 11/01/1920:

¹ Cujo trajeto original era de Bauru/SP – Campo Grande/MS.

O centro dessa abençoada zona do Estado de Matto-Grosso, outro não podia ser, senão mesmo a Cidade de Campo Grande. Pois bem, para essas terras está convergindo a imigração europeia e asiática, com especialidade a japonesa. Essa colonização parece adaptar-se admiravelmente ao nosso Paiz, da mesma forma como se firmaram entre nós a alemã e a portuguesa. Trabalhadora, higienica, alheia às paixões políticas locais, é de todo progressista. Não há uma só pessoa no Estado de Matto-Grosso que se manifeste contra ella, muito ao contrário, todos que, com a mesma lidam, tecem-lhe os maiores encomios. E razão de sobra para isso têm, pois, certos e determinados pontos do Estado, onde não havia um só legume, mas só hervas das muitas procuradas, e que, entretanto, agora, depois da vinda dos Japonezes, se acham perfeitamente bem providos desses indispensaveis elementos de nutrição, que tanta falta faziam a regiões, com essas, onde a temperatura é alta demais e a alimentação de carne verde chega às raias do abuso.²

Apesar de apresentarem um comportamento exemplar como foi relatado, o imigrante japonês sofreu com o ideal de trabalhador desejado para o branqueamento da população. Fato que foi discutido no texto de Marcelo Alaria Ennes (2006), ao abordar as leis e políticas de imigração, citando um trecho de Valdemar Carneiro Leão Neto (1990) no livro *A crise da imigração japonesa no Brasil (1930-1934): contornos diplomáticos*. O livro relata o comentário do deputado Fidélis Reis, criticando a imigração japonesa. Segundo Fidélis Reis, a união do povo brasileiro com o japonês resultaria em um “problema insolúvel”: “[...] se o japonês se cruza com o nacional, vamos ter um mal irremediável se o mestiço; se não se cruza, teremos outro inconveniente - o de ficar constituindo uma ameaça perigosa para o futuro.” (LEÃO NETO, 1990, apud ENNES, p. 59, 2006).

De acordo com Ennes (2006), essa discriminação era oriunda de teorias etnocentristas, que defendiam a superioridade dos povos europeus, muito difundida nos Estados Unidos em defesa de uma identidade nacional, ocasionando o fechamento das portas aos imigrantes até então considerados como agentes no progresso do país conforme relata Kreutz (2000, p. 349): “[...] O rápido desenvolvimento dos Estados Unidos, com grandes levas de imigrantes há décadas, começou a ser considerado um exemplo a ser seguido pelo Brasil”. Ainda em outro fragmento do jornal *O Comércio*, publicado em 24/04/1919, podemos observar o preconceito racial presente nas palavras do artigo:

Em 1880, Oliveira Martins, escritor e político português, chegou a publicar argumentos contra a imigração asiática afirmando que ‘a perigosa tentação de ir buscar braços a outro viveiro de raças inferiores prolíficas embriaga muitos

² Disponível em: <http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=72> acesso em: 21/04/16. O texto foi transcrito obedecendo a escrita da fonte

espíritos', e concluía com um Brasil europeu e não asiático, uma nação e não uma colônia,³

1.1 EDUCAÇÃO DOS FILHOS DE IMIGRANTES

Inicialmente, o anseio pela educação dos filhos dos imigrantes era impulsionado pelo desejo de retorno a terra do sol nascente, pois era necessário que os filhos tivessem o ensino da língua materna e dos costumes na preservação da tradição oriental. A valorização dos estudos por parte dos japoneses se dá pelo conceito de moral que é necessário na vida social. Deixar de ensinar os filhos seria considerado um fracasso e a falha na transmissão da ética considerado como motivo de vergonha.

Jacqueline M. M. Pinheiro (2009) em seu trabalho monográfico, pesquisou sobre escolas étnicas japonesas do ano de 1932 a 1942. O estudo mostrou que os japoneses passaram a valorizar a educação a partir da era Tokugawa⁴. Neste período a educação era restrita aos samurais e aos nobres. Já na Reforma Meiji⁵, o Japão seguiu os exemplos Europeus e Americanos de ensino público para a modernização do país.

A educação era considerada vital para a cultura japonesa, tanto que, conforme aponta Pinheiro (2009, p.1162) a porcentagem de imigrantes analfabetos registrados no Porto de Santos no primeiro grupo de imigrantes era “[...] de 2,1% e no segundo de 0,3%”. Enquanto o Brasil no mesmo período “[...], com uma população de mais de 80% de analfabetos” conforme é apontado por Kreutz (2000, p. 353). Esse descaso com a rede pública de ensino impulsionou a criação de escolas étnicas.

A importância que os japoneses davam a escolarização era tão acentuada e foi relatada por Kreutz como uma prioridade, conforme podemos notar: “[...] Antes mesmo de providenciar uma sede para sua associação e para seus encontros sociais, os japoneses procuravam construir escolas para seus filhos” (2000, p.363).

De acordo com Handa (1987) as escolas foram construídas pelos próprios japoneses que em conjunto trabalhavam na edificação durante os dias de folga. Tratavam-se de construções de pau-a-pique, ou de paredes de barro. Quando não conseguiam telhas faziam cobertura de

³ Disponível em: <http://www.imigracaojaponesa.com.br/?page_id=66> acesso em: 21/04/16

⁴ Tokugawa ou xogunato Tokugawa (1600-1868), é o nome do regime no período de unificação do Japão, foi instituído por Tokugawa Ieyasu vencedor da Batalha de Sekigahara em 1600 colocando um fim ao período de guerras deste país. (MARQUES, 2014, p.9)

⁵ A Reforma Meiji (1868-1912) se deu pela restauração do poder Imperial com a queda do sistema feudal estabelecido pelo regime Tokugawa. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/nec/sites/default/files/O_Japao_na_era_Meij_-_quando_o_distante_se_torna_proximo.pdf>

sapé. Neste sentido Handa (1987) define que “[...] era melhor improvisar do que não a ter, [...]” (HANDA, 1987, p. 290).

O ensino ficava a cargo dos mais instruídos, conforme podemos notar a experiência relatada no texto de Ana Lucia Pereira Borges Ebenritter (2015), contada pela senhora Tieko Miyazaki Ishy, que iniciou dando aulas para os filhos de seu marido, segundo o relato, quando a notícia se espalhou, muitos procuraram a senhora Tieko para ter aulas. Embora ela tivesse participado somente de cursos de preparo para donas de casa e de corte e costura, passou a lecionar aos filhos dos moradores da região. A nobre senhora comprava as cartilhas com seu dinheiro e não recebia pelas aulas. Tempos depois, ocorreu a oficialização da escola e Dona Tieko passou a ser funcionária da escola. Ao tornar-se funcionária teve a oportunidade de cursar um ensino supletivo e concluir a habilitação em magistério.

Após o fim da primeira guerra mundial, o país principia a ambicionar uma legitimação da identidade nacional com a imposição da língua portuguesa e por causa disso, as escolas étnicas passaram a ter professores de língua portuguesa. No final da década de 30, medidas adotadas pelo governo Vargas por meio do Decreto 406, proibiu o ensino de outro idioma a menores de 14 anos. Em 1938, as escolas étnicas foram fechadas ou transformadas em escolas públicas. Nesse ano, houve restrição aos materiais didáticos e a exigência de que os professores e diretores fossem brasileiros. Kreutz (2000).

Após a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, a notícia da situação econômica e política do Japão no pós-guerra fez com que os imigrantes japoneses desistissem do sonho de retornar a sua terra natal, em busca de novos horizontes, conforme é apontado por Brito (2012):

Assim, os japoneses com suas instituições escolares, tanto em Campo Grande quanto demais cidades, como por exemplo, São Paulo, esvaziadas pela política nacionalista de 1930, passaram a investir na educação de seus filhos em escolas sem quaisquer signos étnicos, pois viam a escolarização como única possibilidade de ascensão social. (BRITO, 2012, p.46):

Por fim os imigrantes fixaram-se em definitivo no solo brasileiro. A partir daí sua inclinação com relação aos estudos passando a ter um novo foco, a escolarização brasileira.

2 ESTADO DO CONHECIMENTO: ESTUDOS SOBRE ESCOLAS DE IMIGRANTES JAPONESES

O presente estudo teve início com o levantamento da produção acerca da escolarização dos descendentes de imigrantes japoneses. As leituras realizadas tiveram o objetivo de compreender o processo de imigração japonesa no Brasil e seu estabelecimento ao sul de Mato Grosso. Neste momento inicial, o interesse era investigar a trajetória da escola Visconde de Cairu impulsionando-nos a construir um projeto de iniciação científica. O projeto foi aceito, e iniciamos nossa busca de materiais para a elaboração do trabalho.

Ao visitar a instituição para realizar a pesquisa de campo e coleta de documentos, em uma conversa informal, descobrimos que a escola já havia sido estudada por outros pesquisadores tanto de graduação como de pós-graduação. Naquele momento, a relevância da pesquisa se tornou questionável, levando-nos a pensar se a expressão “chovendo no molhado” definiria o nosso trabalho. Entretanto, Sanfelice (2009) nos reporta para os diferentes olhares do pesquisador ao retratar as histórias de instituições.

A História das Instituições escolares e/ou educativas não tem sido escrita necessariamente sob o rótulo de História das Instituições escolares e/ou educativas. Academicamente também trabalhos com tal natureza não acontecem somente em linhas de pesquisa voltadas para o tema e o objeto em pauta. É possível notar ainda que nem sempre o foco do pesquisador ilumina a Instituição como um todo, mas restringe-se a um dos seus segmentos e/ou componentes. (SANFELICE, 2009, p.194)

Fomos impelidos a realizar um mapeamento da produção textual acerca do tema para localizar os trabalhos sobre a instituição, a fim de delinear nosso campo investigativo. A sistematização desta pesquisa nos direcionou a leituras de teóricos como Magda Soares (2000); Norma Sandra de Almeida Ferreira (2002); Bernard Charlot (2006); Morosini (2006, 2015); Romanowski e Ens (2006); Morosini e Fernandes (2014) visando compreender como é construído o “estado do conhecimento”, e como este se diferencia dos estudos denominados “estado da arte”.

Os resultados das leituras mostraram que as pesquisas de estado do conhecimento são realizadas por meio de análise parcial do trabalho utilizando os resumos das produções, já pesquisas relacionadas ao estado da arte têm por objetivo a análise completa da obra, pois o resumo é um gênero textual constituído por elementos que podem não compreender a amplitude da pesquisa por se tratar de um texto com estrutura acadêmica. Assim, os autores poderiam omitir informações importantes como os procedimentos, resultados da pesquisa, e em alguns casos falta clareza nos objetivos, comprometendo o estado da arte a ser desenvolvido.

No entendimento de Morosini e Fernandes (2014, p.155) o “[...], estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica”. Como as pesquisas de estado da arte e estado do conhecimento são recentes no Brasil, costumam causar incerteza nos pesquisadores e até confusão entre os termos. Em algumas situações são entendidas como pesquisas análogas. Neste sentido, Romanowski e Ens (2006), distinguem tais pesquisas ao definir:

Os estudos realizados a partir de uma sistematização de dados, denominada “estado da arte”, recebem esta denominação quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções. Por exemplo: para realizar um “estado da arte” sobre “Formação de Professores no Brasil” não basta apenas estudar os resumos de dissertações e teses, são necessários estudos sobre as produções em congressos na área, estudos sobre as publicações em periódicos da área. O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de “estado do conhecimento”. (ROMANOWSKI E ENS, 2006, p.39-40)

Romanowski e Ens (2006) trazem um entendimento definido acerca do estado da arte e estado do conhecimento, enfatizando que um estado da arte não pode ser realizado apenas lendo os resumos de teses ou dissertações. No entanto, podemos observar que os textos tidos como estado da arte demonstram esse equívoco com relação ao tipo de pesquisa que vem sendo desenvolvida, conforme podemos notar na introdução do texto apresentada por Francisca Jocineide da Costa e Silva e Maria Eulina Pessoa de Carvalho, intitulada “O estado da arte das pesquisas educacionais sobre gênero e educação infantil: uma introdução”, publicado no XVIII REDOR no ano de 2014, p. 346-347.

Temos como objetivo fazer algumas considerações sobre o Estado da Arte em/para Educação por ser o método de pesquisa da nossa dissertação de mestrado, em que faremos análise de conteúdo da produção científica brasileira (resumos e artigos) sobre as construções de gênero na Educação Infantil dentro do período de 2007 a 2013. Nossas fontes serão os resumos disponíveis no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), os artigos publicados nos Grupos de Trabalho (GT) 07 (Educação de Crianças de 0 a 6 anos) e 23 (Gênero, Sexualidade e Educação) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), e em algumas revistas das áreas de gênero e educação. Nosso objetivo na dissertação é fazer um estado da arte para identificar como as concepções de gênero expressas nos trabalhos contribuem para a prática pedagógica e como as práticas estudadas estão contribuindo para as construções ou desconstruções de gênero. (SILVA e CARVALHO, 2014, p.346-347)

A introdução da pesquisa mostra que embora a intenção das autoras fosse construir um estado da arte sua metodologia se encaminhou para a realização do estado do conhecimento. Essa controvérsia se estende ainda por outros tipos de pesquisa conforme podemos notar em um trabalho apresentado por Karen Greco Soares no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – realizado em São Paulo (SP) no ano de 2016, intitulado “Diversidade de Gênero nas Organizações: Uma Análise de Publicações para o campo da Comunicação e das Relações Públicas”, no qual a autora trata o estado da arte e o estado da questão como sendo a mesma pesquisa.

Um estado da arte ou estado da questão é um método de pesquisa que se caracteriza como uma revisão sistemática e organizada sobre a produção de determinado tema em uma área de conhecimento. Essa análise visa identificar principais tendências teóricas, metodológicas e abordagens que estão sendo utilizadas, com vistas à compreensão do que se produz. Em um estado da arte, leva-se em conta algumas variáveis: área de conhecimento, períodos cronológicos, espaços, formas e condições de produção. (RIBEIRO e SOARES, 2016, p.12)

Para ilustrar esse desentendimento acerca do uso das pesquisas de estado da arte, tomaremos como exemplo a pesquisa de Norma Sandra de Almeida Ferreira, em seu trabalho: *As pesquisas denominadas “estado da arte”* publicado na revista *Educação & Sociedade* em agosto de 2002. Neste trabalho, a autora lança a seguinte hipótese: “[...] seria possível fazer um esforço de interrogar a história da produção acadêmica sobre determinada área do conhecimento, optando por ler apenas dados bibliográficos e resumos dos trabalhos? ” (FERREIRA, 2002, p.257)

Ferreira (2002) inicia seu trabalho traçando a trajetória do pesquisador, tentando identificar suas motivações ao realizar tais investigações, como estes resultados influenciam e norteiam as pesquisas no desenvolvimento de suas temáticas.

Sustentados e movidos pelo desafio de conhecer o já construído e produzido para depois buscar o que ainda não foi feito, de dedicar cada vez mais atenção a um número considerável de pesquisas realizadas de difícil acesso, de dar conta de determinado saber que se avoluma cada vez mais rapidamente e de divulgá-lo para a sociedade, todos esses pesquisadores trazem em comum a opção metodológica, por se constituírem pesquisas de levantamento e de avaliação do conhecimento sobre determinado tema. (FERREIRA, 2002, p. 259)

Segundo Ferreira (2002) a produção acadêmica é uma exigência da sociedade para com o ensino superior, e que as instituições são avaliadas segundo sua eficácia e sucesso na quantidade de produções. Assim, as instituições organizam catálogos como instrumentos para se firmar como produtora de conhecimento na otimização da busca de pesquisas, disputas por

verbas para bolsas de estudos sendo caracterizada pela autora como um objeto de "disputa política" entre as instituições de ensino superior.

Ferreira (2002) segue tecendo apontamentos acerca dos elementos que compõem estes catálogos, como bibliografias, autores e orientadores, local de defesa e a área em que foi produzido. Em seguida, discute os resumos, sua elaboração, os critérios utilizados por estes catálogos para sua inserção, aponta ainda, que em alguns casos o resumo pode ser revisado pelas instituições responsáveis pela publicação visando uma homogeneidade em consonância com o catálogo.

Considerando a natureza do material dos resumos Ferreira (2002) parte da noção de *gênero do discurso*, ancorada em estudos teóricos conforme Bakhtin (1997) e da noção do *suporte material* em que cada resumo se apresenta, de acordo com Chartier (1990,1996), e analisa que:

[...], ao assumirmos os resumos das dissertações e teses presentes nos catálogos como lugar de consulta e de pesquisa, é que sob aparente homogeneidade, há grande heterogeneidade entre eles (os resumos) explicável não só pelas representações diferentes que cada autor do resumo tem deste gênero discursivo, mas também por diferenças resultantes do confronto dessas representações com algumas características peculiares da situação comunicacional, como alterações no suporte material, regras das entidades responsáveis pela divulgação daquele resumo, entre outras várias. (FERREIRA, 2002, p.264)

Após tecer considerações e críticas relevantes acerca da problemática a autora conclui que:

Ao lidarmos com um conjunto de resumos de uma certa área do conhecimento, buscando identificar determinadas marcas de convencionalidade deste gênero discursivo, podemos constatar que eles cumprem a finalidade que lhes está prevista em catálogos produzidos na esfera acadêmica: informam ao leitor, de maneira rápida, sucinta e objetiva sobre o trabalho do qual se originam. (FERREIRA, 2002, p.268, grifo do autor)

Para Ferreira (2002), o pesquisador ao desenvolver um trabalho do “estado da arte” se relaciona com o texto, investigando, interrogando e compreendendo as relações do pesquisador com a área em que a pesquisa foi desenvolvida.

A controvérsia com relação a realização do estado da arte, estado do conhecimento ou estado da questão se estende por ainda outros pesquisadores, compreendemos que isso tende a dificultar a realização de tais pesquisas, por não encontrarem uma definição ou um modelo a seguir. Neste sentido incorremos a Therrien, J., & Nóbrega-Therrien (2011) quando tratam do “estado da questão” apontando que este tem a função de instrumentar o pesquisador na construção do seu trabalho.

Trabalhos científicos, principalmente aqueles produzidos na academia, apresentam compreensões diversas do estado da questão. Explicitar essas compreensões e seus significados constitui preocupação nossa, oriunda de debates e discussões em disciplinas e seminários de metodologia de pesquisa, bem como em sessões de orientação de monografias, dissertações ou teses. Assim, justifica-se nossa pretensão não de estabelecermos definições, mas passos para o seu entendimento e consequentemente para instrumentalizar com mais clareza o estudante/pesquisador quando da construção do seu tema. (TERRIEN, & NÓBREGA-TERRIEN, 2011, p.2)

Consideramos que, realizar o estado da arte seguindo a metodologia proposta por Romanowski e Ens (2006) tornava a pesquisa inviável, tendo em vista a dificuldade em reunir todas as pesquisas realizadas devido à falta de um banco de dados que compreendesse a nível nacional todos os trabalhos científicos produzidos nas universidades. Outro fator que contribui para essa inviabilidade é a morosidade que tal pesquisa requer e o pouco tempo que teríamos para realizá-la. Optamos então, pelo desenvolvimento do estado do conhecimento, no qual a pesquisa é empreendida a partir de um setor das publicações “[...]. O estudo que aborda apenas um setor das publicações sobre o tema estudado vem sendo denominado de “estado do conhecimento”. (ROMANOWKI e ENS, 2006, p.40).

Conforme aponta Soares (2000):

[...]. Essa compreensão do estado do conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, a fim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permita a indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições e a determinação de lacunas ou vieses. (SOARES, 2000, p.9)

Ainda de acordo com Morosini e Fernandes (2014):

[...]. Acredito que o Estado de Conhecimento deva ser o movimento inicial de toda pesquisa, uma vez que localiza e norteia os passos da investigação, a partir do conhecimento e da compreensão da produção intelectual que aborda estudos relacionados ao objeto de nossa pesquisa. (MOROSINI e FERNANDES, 2014, p.158):

Assim, as pesquisas de estado do conhecimento criam condições para que os pesquisadores tenham à disposição um maior número de trabalhos, a fim de estabelecer um primeiro contato com o tema em suas diferentes áreas estudadas. O estado do conhecimento permite o acesso a determinados trabalhos e possibilita um intercâmbio entre a produção construída e a produção em curso. Ainda sobre, Morosini e Fernandes (2014) afirmam que:

[...] temos trabalhado com o estado do conhecimento como uma matéria formativa e instrumental que favorece tanto a leitura de realidade do que está sendo discutido na comunidade acadêmica, quanto em relação a aprendizagens da escrita e da formalização metodológica para desenvolvimento do percurso investigativo. (MOROSINI e FERNANDES, 2014, p.155)

A importância destes estudos é destacada também por Romanowski e Ens (2006, p.41). As autoras ressaltam que: “Esses estudos são justificados por possibilitarem uma visão geral do que vem sendo produzido na área e uma ordenação que permite aos interessados perceberem a evolução das pesquisas na área, bem como suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes.”

Bernard Charlot (2006) também defende a realização deste tipo de pesquisa apontando que a falta da mesma resulta em realização de vários trabalhos com o mesmo tema, freando o progresso das pesquisas. Para o autor:

[...]. A principal consequência disso é que refazemos continuamente as mesmas teses, as mesmas dissertações, sem sabermos o que foi produzido anteriormente. Fazemos uma tese que já foi feita há dez anos, no mesmo país ou no exterior, e até mesmo, às vezes, uma tese que foi defendida uma semana antes, em outra universidade, sem que tivéssemos conhecimento disso. (CHARLOT, 2006, p.17)

Deste modo, a pesquisa que segue, toma um viés instrumental e formativo de nos orientar quanto a produção de pesquisas acerca das escolas de imigrantes japoneses. Doravante a análise dos textos está focalizada no objeto da pesquisa (escolas japonesas) os outros quadros são apenas para ilustração quantitativa. A análise dos trabalhos compilados neste capítulo tem o intuito de situar as áreas do conhecimento em que têm discutido a referida temática nos últimos 15 anos.

A metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa sobre o estado do conhecimento a respeito da escolarização de imigrantes japoneses no Brasil, desencadeou-se a partir dos seguintes procedimentos:

Definição dos descritores – Os descritores utilizados na pesquisa foram: Escolas japonesas. Escolas étnicas. Escolas nipo-brasileiras.

Definição de banco de dados – A pesquisa investigou os trabalhos relacionados ao objeto de estudo nos principais bancos de dados digitais fornecidos pelas bibliotecas do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC) e Scientific Electronic Library Online (SciELO). Ao levar em consideração que pesquisas e monografias realizadas em instituições de ensino superior podem não ter sido

inseridas em tais plataformas, foi realizado um levantamento nas bibliotecas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Coleta de material – Os trabalhos foram salvos, referenciados e organizados em forma de tabela, exceto os trabalhos publicados antes da implantação da Plataforma Sucupira⁶, já que não estão disponíveis.

Leitura do material – Foram observados os seguintes elementos: objetivo, metodologia e resultados obtidos.

Estabelecimento de critérios – Serão compilados apenas trabalhos que se relacionam ao tema “escola japonesa”. Optamos em trabalhar com resultados de pesquisas acadêmicas e de teses e dissertações considerando que:

[...] essas pesquisas constituem, em sua maioria, a produção acadêmica e científica e que esses produtos expressam um conhecimento em construção. A partir desse critério, excluíram-se livros e capítulos de livros, considerando-se que estes expressariam o conhecimento já construído. (SOARES, 2000, p. 9)

Elaboração de síntese – As sínteses dos trabalhos procuraram identificar a ligação do autor com o tema, o tipo de pesquisa realizada, a área em que o trabalho foi produzido, bem como os elementos textuais que compõem o resumo.

2.1 RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DO LEVANTAMENTO NOS BANCOS DE DADOS

A Tabela 1 demonstra os resultados de ilustração quantitativa dos resultados obtidos nas buscas pelos descritores e os bancos de dados consultados. A seguir, apresentaremos os quadros com os resultados de acordo com cada banco de dados consultados, sendo omitidas as pesquisas que não apresentaram resultados.

TABELA 1- Resultado das pesquisas em bancos de dados digitais

Palavra-chave	Banco de Teses Capes	Base SCIELO	IBICT	UFMS	UEMS
Escola Japonesa	5	1	10	0	0
Escola étnica japonesa	0	0	0	0	0
Escola Nipo-brasileira	0	0	1	0	0

Organização: Yoshizaki, 2017

⁶ Plataforma Sucupira – Banco de dados implantado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), responsável por coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG).

O Quadro 1 apresenta os resultados obtidos na busca pelo descritor “escola japonesa” no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

QUADRO 1 – Resultados obtidos no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC)

Descritor: Escola japonesa					
Instituição	Título	Ano	Categoria	Programa	Área do conhecimento
USP	AS ESCOLAS JAPONESAS PAULISTAS (1915-1945): A AFIRMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE ÉTNICA. ⁷	1997	Dissertação	Educação: história, política, sociedade	História da Educação
UFF	SINGULARIDADES DA EDUCAÇÃO NA COLÔNIA AGRÍCOLA JAPONESA DE SANTA CRUZ	2005	Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação	Ciências Sociais Aplicadas
UFMS	HERANÇA CULTURAL E TRAJETÓRIAS SOCIAIS NAS MEMÓRIAS DE PROFESSORAS APOSENTADAS DE ORIGEM JAPONESA	2011	Dissertação	Programa de Pós-Graduação em Educação Campo Grande	Centro de Ciências Humanas e Sociais
USP	UM ESTUDO SOBRE CRENÇAS DE PROFESSORES NIKKEIS: ABORDAGENS DE ENSINO EM UMA ESCOLA DE COLÔNIA ⁸	2015	Dissertação	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas	Língua, Literatura e Cultura Japonesa
UFGD	ESCOLA MODELO DE LÍNGUA JAPONESA DE DOURADOS-MS”: MOVIMENTOS, HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE MULHERES ⁹	2017	Dissertação	Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação	História, Políticas e Gestão da Educação

Organização: Yoshizaki, 2017

A busca realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC) apresentou cinco resultados, porém os trabalhos: *Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa*; *Escola modelo de língua japonesa de Dourados-MS*”: *movimentos, histórias e memórias de mulheres*; *As escolas japonesas paulistas (1915-1945): a afirmação de uma identidade étnica*, que foram realizados antes da implantação da Plataforma Sucupira não estavam disponíveis. Foram realizadas buscas no Google acadêmico desses trabalhos e foi possível localizar o texto *Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa*. Ansíavamos por encontrar esse trabalho devido a ser o texto que tem por objeto de pesquisa as memórias de professoras da Escola Visconde de Cairu, como fonte de contribuição significativa a nossa pesquisa.

⁷ O texto foi encontrado nos bancos de dados Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

⁸ O texto foi encontrado nos bancos de dados Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC), Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

⁹ O texto não estava disponível no Banco de Teses e Dissertações da CAPES (BTDC), pois o trabalho foi realizado antes da Plataforma Sucupira. Foram enviados e-mails por meio do diretório do currículo lattes, porém, não obtivemos resposta.

O Quadro 2 apresenta os resultados obtidos a partir do descritor “escola japonesa” no banco de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO).

QUADRO 2 – Resultados obtidos na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO)

Descritor: Escola japonesa					
Instituição	Título	Ano	Categoria	Programa	Área do conhecimento
UniCamp	RELATOS ORAIS DE FAMÍLIAS DE IMIGRANTES JAPONESES: ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	2000	Artigo	Revista e Sociedade	Pesquisadora do Ceru/USP.

Organização: Yoshizaki, 2017

O Quadro 3 apresenta os resultados obtidos a partir do descritor “escola japonesa” no banco de dados da biblioteca virtual do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

QUADRO 3 – Resultados obtidos na biblioteca virtual do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Descritor: Escola japonesa					
Instituição	Título	Ano	Categoria	Programa	Área do conhecimento
PUC-SP	A VOLTA DOS FILHOS DE DEKASSEGUI AO BRASIL: ESCOLARIZAÇÃO, DIFICULDADES E SUPERACÃO	2009	Dissertação	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação	CNPq: ciências humanas: educação: fundamentos da educação: psicologia educacional
USP	CEM ANOS DE IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL: O JAPONÊS COMO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	2009	TESE	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas	Semiótica e Linguística Geral
USP	DA CASA DE PAU-A-PIQUE AOS FILHOS DOUTORES: TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE GERAÇÕES DE DESCENDENTES JAPONESES (DOS ANOS 1950 AOS ANOS 1990)	2009	TESE	Faculdade de educação	História da Educação
USP	MIGRAÇÕES, PROCESSO EDUCACIONAL E OS DEKASSEGUI: UM ESTUDO DA REDE DE RELAÇÕES EM TORNO DA CRIANÇA NIKKEI NA ESCOLA BRASILEIRA NO JAPÃO	2010	TESE	Faculdade de Educação	Cultura, Organização e Educação
UNISANTOS	A EDUCAÇÃO JAPONESA NA CIDADE DE SANTOS (1908-1943)	2011	Dissertação	Mestrado em Educação	Ciências humanas: educação
FURG	O ENSINO DE CIÊNCIAS EM UMA INSTITUIÇÃO ESCOLAR BRASILEIRA: A CONSTITUIÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL JAPONESA	2011	Dissertação	Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências	Química da Vida e Saúde
UFSCAR	ESCOLA ALEGRIA DE SABER : UMA ESCOLA BRASILEIRA NO JAPÃO (1995-2011)	2012	TESE	Programa de Pós-graduação em Educação	Ciências humanas > educação
PUC-SP	A ESCOLARIZAÇÃO DA COMUNIDADE NIPO-BRASILEIRA DE REGISTRO (1913-1963)	2015	TESE	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política Sociedade	CNPQ: ciências humanas: educação: tópicos específicos de educação
PUC-SP	A ESCOLARIZAÇÃO DA COMUNIDADE NIPÔNICA DO BAIRRO PARATEÍ (1960-1980)	2015	Dissertação	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política Sociedade	CNPQ : ciências humanas: educação: tópicos específicos de educação
USP	UM ESTUDO SOBRE CRENÇAS DE PROFESSORES NIKKEIS: ABORDAGENS DE ENSINO EM UMA ESCOLA DE COLÔNIA	2015	Dissertação	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas	Língua, Literatura e Cultura Japonesa

Organização: Yoshizaki, 2017

O Quadro 4 apresenta os resultados obtidos a partir do descritor “escola nipo-brasileira” no banco de dados da biblioteca virtual do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

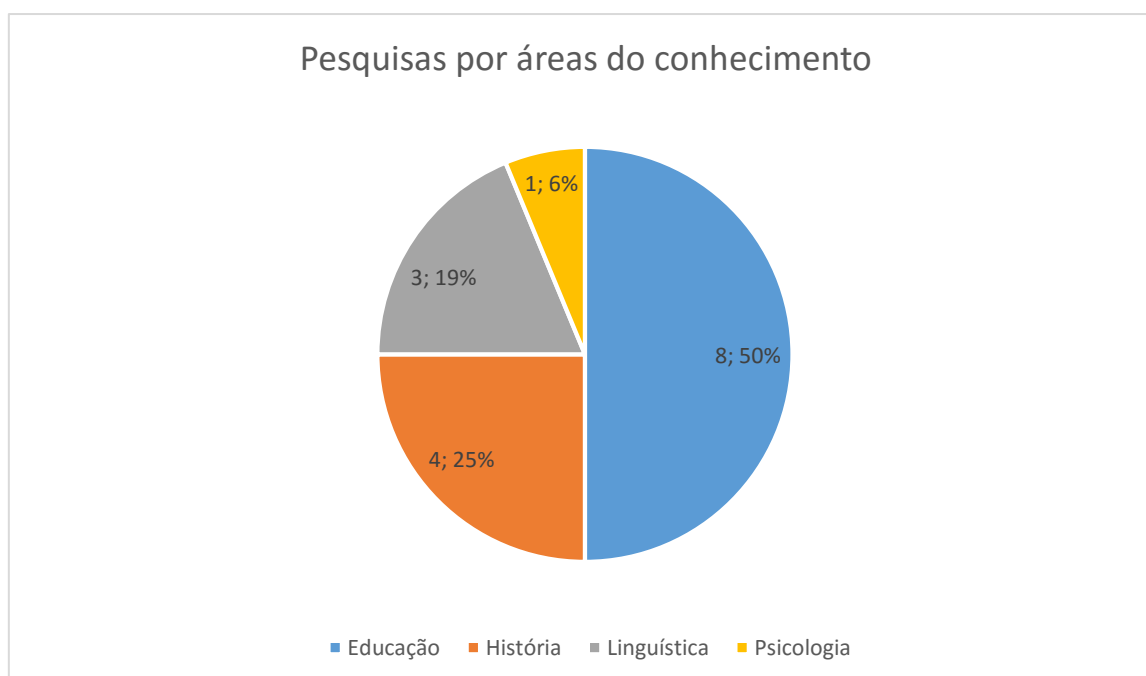
QUADRO 4 – Resultados obtidos na biblioteca virtual do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)

Descritor: escola nipo-brasileira					
Instituição	Título	Ano	Categoria	Programa	Área do conhecimento
PUC-SP	A ESCOLARIZAÇÃO DA COMUNIDADE NIPO-BRASILEIRA DE REGISTRO (1913-1963) ¹⁰	2015	TESE	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política Sociedade	CNPQ: ciências humanas: educação: tópicos específicos de educação

Organização: Yoshizaki, 2017

Assim, com base nos resultados obtidos nesses bancos de dados construímos um gráfico apontando as áreas de conhecimento que realizam pesquisas relacionadas à escolarização da comunidade japonesa. Veja:

GRÁFICO 1 – Áreas do conhecimento que desenvolveram pesquisas relacionadas com o tema



Organização: Yoshizaki, 2017

¹⁰ O mesmo texto foi encontrado nos descritores “escola japonesa” e “escola nipo-brasileira” no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

Os trabalhos encontrados totalizaram 16 produções. Tais produções foram desenvolvidos em torno dos seguintes campos: 8 no campo da Educação, 4 no campo da História, 3 no campo da linguística e um no campo da psicologia. Esse levantamento revelou-nos que essas áreas se relacionam com pesquisas históricas, conforme fora apontado por Barros (2011),

[...], pode-se dizer que as diversas correntes identificáveis no âmbito da História Cultural relacionam-se a diálogos interdisciplinares mais específicos, envolvendo as relações da História com outros campos de saber, como a Antropologia, a linguística, a psicologia ou a ciência política. (BARROS, 2011, p.39)

Após a identificação das áreas do conhecimento que realizam pesquisas relacionadas à escolarização da comunidade japonesa, fizemos o levantamento das instituições em que ocorrem essas pesquisas. Veja:

GRÁFICO 2 – Instituições onde ocorreram as pesquisas



Organização: Yoshizaki, 2017

As instituições que mais produziram pesquisas com a referida temática foram: Universidade de São Paulo (USP) com a publicação de 6 (seis) trabalhos e a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com 3 (três) trabalhos publicados, já a Universidade Federal Fluminense – (UFF), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – (UFMS), Universidade Federal da Grande Dourados – (UFGD), Universidade Estadual de

Campinas – (UNICAMP), Universidade de Santos – (UNISANTOS), Universidade Federal do Rio Grande – (FURG) e Universidade Federal de São Carlos – (UFSCAR) apresentaram cada uma, apenas 1 (uma) pesquisa relacionada.

Feito esse levantamento, foi realizado um estudo aos tipos de pesquisa sobre escolarização japonesa.

2.2 Tipos de pesquisas da produção sobre a escolarização japonesa

Os textos foram analisados segundo os tipos de pesquisa apresentados no trabalho orientado por Magda Soares (2000). Seleccionamos e utilizamos tais categorias como modelo por se enquadrarem melhor aos tipos de pesquisa encontrados na realização deste trabalho. As explicações acerca dos tipos de pesquisa estarão referenciadas em forma de nota de rodapé no decorrer do texto.

QUADRO 5 – Tipos de pesquisa

Natureza dos textos encontrados
1. Relato de experiência
2. Pesquisa histórica
3. Estudo de caso
4. Estudo comparativo
5. Análise de documentos
6. Pesquisa experimental
7. Estudo longitudinal

Organização: Yoshizaki, 2017

2.3 ARTIGO

2.3.1 Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: elementos para a história da educação brasileira

A Prof^a Dr^a Zélia de Brito Fabri Demartini formada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), com mestrado e doutorado pela mesma instituição, tem seus estudos voltados para a temática da imigração. Dentre as publicações da professora, há um artigo que pode ser compreendido como uma reflexão dos trabalhos que vem desenvolvendo durante anos, quanto a estruturação do campo educacional paulista e as diferentes formas pelas quais a procura pela escolarização tem se configurado para diferentes setores da população rural e urbana no estado de São Paulo.

O artigo intitulado “Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: Elementos para a história da educação brasileira”, (2005) resultou de uma pesquisa de natureza histórica¹¹ tem como aporte teórico a Nova História Cultural (NHC) e História Oral (HO), pois segundo a autora: “[...] os relatos orais foram a fonte privilegiada que permitiu, de um lado, apreender as visões e vivências educacionais desse grupo, e, de outro, obter informações valiosas sobre a ainda desconhecida rede de escolas "japonesas" criadas por esse grupo na sociedade paulistana” (DEMARTINI, 2005, p.43, grifos da autora).

A metodologia foi composta a partir de entrevistas com várias famílias japonesas, tanto das oriundas do Japão como pelas gerações nascidas no Brasil. Famílias que residiam na zona rural e posteriormente se transferiram para a zona urbana. A autora faz um apanhado histórico sobre a imigração e a importância que os japoneses depositaram na educação de seus filhos e como esta educação foi cerceada com a nacionalização das escolas.

De acordo com Demartini (2005) “A escola oficial, mesmo quando se estruturando em uma sociedade multicultural como a paulistana, dificilmente conseguiu dar conta da diferenciação sociocultural, a não ser pela negação das bagagens culturais dos diferentes grupos. (DEMARTINI, 2005, p.70)”. Demartini (2005) pondera que esta divisão ocorre pela negação da cultura considerada menor ou menos valorizada, a autora aponta que essa negação parece estar ocorrendo nos dias de hoje, pois a educação brasileira vem sendo desvalorizada em detrimento de uma educação estrangeira que atenda aos interesses da globalização.

Assim, a autora conclui fazendo uma reflexão sobre a história do silenciamento das culturas pelas escolas, e finaliza, questionando a necessidade de reconhecer as diferenças “A cultura nacional é agora considerada como de segunda categoria. Seria este o caminho a seguir, ou seria necessário discutir a questão da diversidade?” (DEMARTINI, 2005, p.70)

2.4 TESES ENCONTRADAS

2.4.1 A escolarização da comunidade Nipo-Brasileira de Registro (1913-1963)

Selma da Araujo Torres Omuro (2015) justifica a sua pesquisa por interesse pessoal acerca da história de sua cidade natal Registro. Sua motivação teve início a partir da participação em diversos projetos tanto na educação básica quanto na superior, bem como no

¹¹ Pesquisa de natureza histórica consiste na investigação de processos e acontecimentos históricos do passado que se configuram como influência nos acontecimentos atuais. (LAKATOS e MARCONI, p 2003)

interesse de conhecer melhor a cultura dos familiares de seu marido que é descendente de japoneses.

A tese de Omuro defendida em 2015, intitulada *A escolarização da comunidade nipo-brasileira de Registro (1913-1963)* é de natureza histórica. Ela faz um recorte temporal entre os anos 1913-1963 para investigar escolarização comunidade nipo-brasileira do núcleo colonial de Registro-SP.

Com o intuito de desconstruir a imagem estereotipada de que a escolarização dos imigrantes classificadas como polo de difusão do imperialismo japonês no Brasil, ou como polo de pura assimilação a uma cultura nacional homogênea, a autora parte dos seguintes objetivos: 1) conhecer a organização, o funcionamento e os objetivos das escolas japonesas; 2) analisar o contexto e o impacto do fechamento dessas escolas para a comunidade nipônica, 3) contribuir para as discussões referentes às diferenças culturais que caracterizam a sociedade brasileira.

A metodologia empregada na pesquisa teve como natureza de pesquisa a análise de documentos¹² a partir de referenciais teóricos de autores como Marson (1994), Kossoy (2001), Leite (2001), Alberti (2005), Pollak (1989), E. P. Thompson (1981), Certeau (2012). Dispondo-se de fontes como: documentos oficiais da educação pública paulista (Anuários de Ensino do Estado de São Paulo), fotografias e documentos da memória oral e escrita da comunidade nipo-brasileira de Registro a autora concluiu que a comunidade nipo-brasileira integrou de forma bem-sucedida na escola nacional, conseguindo preservar as marcas de sua cultura ao longo da história.

2.4.2 Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como ensino de língua estrangeira

Leiko Matsubara Morales¹³ (2008) é pesquisadora e professora da graduação e pós-graduação do curso de Língua, Literatura e Cultura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo (USP). Suas áreas de interesse são Linguística Aplicada e Bilinguismo, tendo como foco estudos sobre ensino-aprendizagem de Japonês como LE/L2, ambientes de aquisição e/ou aprendizagem, formação de professores e gramaticologia. Ela possui graduação em Letras Português (1993), Chinês (1995) e Japonês (1998), mestrado em Língua e Literatura Japonesa (2002) e doutorado em Linguística (2009), todos pela

¹² Pesquisa de análise de documentos – é a pesquisa que por meio de documentos procura identificar fatos, fenômenos e teorias. (SOARES, 2000)

¹³ Disponível em: <<http://comunicacao.fflch.usp.br/node/3995>> último acesso: 22/06/2017

Universidade de São Paulo e pós-doutorado em andamento na área de Bilinguismo e aquisição de L2 na Universidade de Sophia, Japão.

O estudo realizado por Leiko Matsubara (2008) em sua tese de doutorado “*Cem anos de imigração japonesa no Brasil: o japonês como ensino de língua estrangeira*” faz um apanhado histórico para compreender o contexto linguístico na comunidade nikkey visando compreender a evolução do ensino da língua japonesa ao longo dos cem anos de imigração japonesa.

A natureza da pesquisa é de estudo comparativo¹⁴ utilizando-se análise de fontes orais, e de fontes documentais chegando à conclusão de que a comunidade não estudava a linguagem escrita do idioma japonês. Desta forma, a autora traz a preocupação acerca da necessidade de novos estudos na área para o aperfeiçoamento dos profissionais de cursos de língua japonesa visando melhores concepções de ensino e aprendizagem.

2.4.3 Da casa de pau-a-pique aos filhos doutores: trajetórias escolares de gerações de descendentes japoneses (dos anos 1950 aos anos 1990)

A tese de Hiromi Shibata defendida em 2009 intitulada *Da casa de pau-a-pique aos filhos doutores: trajetórias escolares de gerações de descendentes japoneses (dos anos 1950 aos anos 1990)*, teve início a partir de questões decorrentes de sua experiência como professora do Colégio Bandeirantes que possuía uma quantidade expressiva de alunos descendentes de japoneses. O tipo de pesquisa utilizada nesta investigação é denominada de estudo transversal¹⁵, desenvolvida a partir da análise de histórias de famílias que se empenharam na educação de seus filhos observando grupos de pais e de alunos de diferentes faixas etárias, que se escolarizaram a partir do término da Segunda Guerra Mundial, na cidade de São Paulo (SP).

A metodologia empregada neste trabalho constituiu-se a partir dos relatos da trajetória escolar colhidos, por meio das entrevistas semiestruturadas, entre os anos de 2005 a 2008, partindo da hipótese de que os alunos descendentes de japoneses têm um melhor desempenho nos estudos. Essa ideia é discutida até mesmo em outros países, conforme Shibata (2009) cita uma conferência realizada no ano de 1989 na Universidade de Todai em Tóquio, em que Pierre Bourdieu comenta o desempenho escolar de estudantes de etnia japonesa. A autora conclui que a partir da análise dos dados colhidos constatou que a dinâmica familiar era organizada para

¹⁴ Estudo comparativo – “Comparação de casos (sujeitos, instituições, métodos, etc.), de fenômenos, através de identificação e/ou descrição e/ou explicação de características, consequências, condições, comportamentos, analisando o que realmente ocorre.” (SOARES, 2000, p.59)

¹⁵ Estudo transversal – “Identificação, descrição, explicação da sucessão de estados ou de mudanças que ocorrem durante um processo, comparando, em um determinado momento, sujeitos em diferentes estágios do processo - o objeto são os estados em diferentes sujeitos num mesmo momento.” (SOARES, 2000, p.60)

atender aos desafios do sistema escolar brasileiro que acabou deixando pouco espaço para o aprendizado do idioma e das tradições japonesas.

2.4.4 Escola Alegria de Saber: uma escola brasileira no Japão (1995-2011)

Cláudia Regina de Brito¹⁶ é Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Paraná/UFPr (1986); Especialista em Antropologia Social- Universidade Federal do Paraná /UFPr (1987); Mestre em Educação - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS (1997); Doutora em Educação -Universidade Federal de São Carlos/UFSCar (2012). Experiência em gestão acadêmica, com ênfase em ensino superior; legislação acadêmica; regulatório; metodologias ativas, atuando em educação presencial e a distância. Docente nas áreas de sociologia, antropologia e educação; com dedicação e investigações nos seguintes temas: educação, novas metodologias para educação, educação e tecnologia, diversidade cultural e migrações.

Claudia Regina Brito (2012) construiu sua tese *Escola Alegria de Saber: uma escola brasileira no Japão (1995-2011)* fazendo um resgate de seus estudos anteriores sobre a migração de japoneses para o Brasil, no qual a autora estuda as relações desses trabalhadores considerados mão de obra barata e a posteriori quando os filhos destes migrantes retornam ao Japão motivados pelos mesmos interesses econômicos, traçando semelhanças entre estes grupos quanto a formação de escolas para seus descendentes, seguindo as orientações e exigências legais oriundas do país de origem, com intuito de retorno.

Desta forma, a autora se propõe a analisar as instituições escolares brasileiras fundadas no Japão, que tenham como propósito atender a demanda de escolarização dos descendentes de imigrantes brasileiros. Sua pesquisa teve como recorte específico a Escola Alegria de Saber (EAS), criada em 1995.

A pesquisa objetivou compreender o que motivou a implantação de instituições escolares brasileiras, no Japão, traçando a reconstrução da história da Escola Alegria de Saber EAS, a compreensão de seus elementos constitutivos, a verificação do que motivou o governo japonês a traçar políticas educacionais que flexibilizaram a implantação das escolas brasileiras, inclusive, concedendo o título de Miscellaneous School. A pesquisa apresenta ainda uma reflexão acerca da homologação de Pareceres emitidos pelo Conselho Nacional de Educação,

¹⁶ Fonte: Currículo lattes – disponível em:
<<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4704153A0>>

do Ministério da Educação, no Brasil, validando os estudos realizados em instituições de ensino localizadas no Japão.

A metodologia utilizada na pesquisa partiu da investigação e análise das relações que estabelece as mediações entre o objeto da pesquisa, com o contexto social e as tendências históricas da organização social dominante, ou seja, a sociedade capitalista. Assim é caracterizada como de natureza como descritivo-explicativa¹⁷ com foco no presente.

As fontes utilizadas foram obtidas por meio de documentos, bibliografias e entrevistas semiestruturadas, produzidas no trabalho de campo, realizado no Japão. Brito (2015) destaca que estas instituições são elementos importantes na formação dos estudantes uma vez que estes sujeitos compreendem a diferença entre nipo-brasileiros e japoneses. Para a autora tal questão é imprescindível na existência dessas instituições, pois a escola japonesa não consegue suprir a demanda.

2.4.5 Migrações, processo educacional e os dekassegui: um estudo da rede de relações em torno da criança nikkei na escola brasileira no Japão

Érica Ayaco Sacata Tongu defendeu a tese em 2010, intitulada *Migrações, processo educacional e os dekassegui: um estudo da rede de relações em torno da criança nikkei na escola brasileira no Japão*. Sua pesquisa iniciou após sua integração como bolsista do de iniciação científica com bolsa CNPq, ao grupo de pesquisa “Discriminação, preconceito, estigma: minorias étnicas e religiosas, cultura e educação.”

O trabalho se caracteriza como uma pesquisa descritivo-explicativa baseando-se em estudos históricos sobre a imigração japonesa para explicar os diferentes contextos históricos presentes na escolarização dos filhos de migrantes. Tem como objetivo compreender como as redes de relações influenciam a relação entre família e as escolas brasileiras no Japão. Parte do pressuposto de que estas famílias sobrecarregadas pelo cotidiano não percebem as influências das questões migratórias na relação familiar.

A metodologia utilizada neste trabalho parte de entrevistas semiestruturadas com as famílias e nas escolas, fundamentado por estudos sobre migrações realizados por Julius Isaac (2009) e nas análises de Benedict Anderson (1989) e Eric Hobsbawm (1998) sobre nação e nacionalidade para elucidar o contexto destas famílias em suas trajetórias e grupos.

¹⁷Pesquisa descritivo-explicativa – “São pesquisas que identificam a existência de um fato ou fenômeno (O que é? O que existe?) e/ou descrevem ou caracterizam um fato ou fenômeno (Como é? Quem é?) e/ou explicam fatos ou fenômenos, descobrindo relações, ainda que de caráter tendencial e probabilístico, de natureza causal, funcional ou estrutural.” (SOARES, 2000, p. 59)

A autora conclui que a escola brasileira no Japão mesmo sendo uma escola privada, propicia um ensino em conformidade com o proposto pelos parâmetros nacionais curriculares do Brasil, atraindo os brasileiros que vivem no Japão, porém alimentam o desejo de retornar ao país de origem.

2.5 DISSERTAÇÕES ENCONTRADAS

2.5.1 A educação japonesa na cidade de Santos (1908-1943)

Rafael da Silva iniciou seus estudos referentes a imigração japonesa como trabalho de conclusão de curso para a obtenção de certificado de graduação no ano de 2006 para o curso de Licenciatura Plena de História pela Faculdade de Ciências e Letras Don Domênico com estudos sobre o bairro Saboo em Santos (SP). O aprofundamento das pesquisas culminou neste estudo sobre a colônia japonesa, que posteriormente tornou-se sua pesquisa de mestrado.

A dissertação de Rafael da Silva (2011) com o título *A educação japonesa na cidade de Santos (1908-1943)* é de natureza histórica. A pesquisa teve como metodologia o uso de fontes documentais para ilustrar a educação em uma escola de língua japonesa na cidade de Santos (SP). A pesquisa apresentou a importância desta escola para os imigrantes e o impacto gerado com o fechamento da escola na era Vargas.

Silva (2011) fez uso de textos de natureza denominada estudo longitudinal¹⁸, produzidos por autores que estudaram as mudanças sociais da cidade de Santos. Neste sentido, o autor busca apresentar o contexto social no qual viviam os imigrantes japoneses, italianos e alemães que foram obrigados a deixar a cidade de Santos (SP). Por fim, o autor considera a importância da escola, que funcionava também como um centro cultural e administrativo da colônia japonesa, na comunidade.

2.5.2 A escolarização da comunidade nipônica do Bairro Parateí (1960-1980)

A dissertação de Ana Hiroko Aoke apresentada em 2015, intitulada *A escolarização da comunidade nipônica do Bairro Parateí (1960-1980)*, objetiva apresentar a trajetória de escolarização do grupo de imigrantes de descendência japonesa entre os anos de 1960 e 1980 por intermédio da memória de alunos e de suas famílias, além de professores que viveram essa

¹⁸ Estudo longitudinal - Identificação, descrição, explicação da sucessão de estados ou de mudanças que caracterizam um processo ao longo do tempo, considerando-se os mesmos sujeitos: investiga-se o desenvolvimento de pessoas e instituições ao longo de um certo tempo - o objeto é o processo. (SOARES, 2000, p.60)

experiência. Segundo a autora, o interesse pela pesquisa é de caráter pessoal, já que é descendente de japoneses e estudou na escola objeto da pesquisa que se situava no terreno vizinho ao da chácara de seus avós.

A natureza deste estudo compreende-se como pesquisa descritivo-explicativa. Investigou as relações culturais na trajetória de escolarização de um grupo de descendentes japoneses a partir da colônia rural do Bairro Parateí, em Guararema (SP). O trabalho de cunho histórico objetivou construir a trajetória de escolarização desse grupo de alunos, considerando o tema da diversidade cultural. Apresenta como hipótese a existência de conflitos dessa geração de descendentes de imigrantes japoneses em seu processo de integração/conservação cultural.

A pesquisa foi delimitada pelo recorte temporal entre os anos de 1960 a 1980, período em que ocorreu a escolarização do grupo estudado. A metodologia desta investigação está fundamentada na análise de fontes orais como depoimentos de professores e relatos escritos de alunos e fotografias. Foram definidas em duas etapas: primeiro, foi realizado uma análise do currículo escolar do ensino primário na Primeira Escola Mista do Bairro Parateí, localizada na cidade de Guararema (SP). A segunda fase da pesquisa concentra-se currículo secundário na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Dr. Francisco Gomes da Silva Prado, estabelecida na cidade Jacareí, no Vale do Paraíba Paulista.

Foram utilizados os seguintes autores Thompson (1998) para discutir o conceito de cultura, Demartini (1979) educação de imigrantes japoneses; Candido (2001) população rural; Benedict (2011) cultura japonesa; Goodson (2013) análise do currículo. A autora conclui que a escola que se estabeleceu no bairro Paratei não se caracterizava como escola japonesa, mas sim uma escola pública que funcionava em um lugar adaptado construído pela colônia japonesa.

2.5.3 A volta dos filhos de dekassegui ao Brasil: escolarização, dificuldades e superação

Filha de pai imigrante e mãe brasileira, Edna Tanaka iniciou em 1989 sua graduação em Psicologia pela Faculdade de Ciências e Letras do Campus de Assis da Universidade Estadual Paulista. “Júlio Mesquita Filho” (UNESP). Seu conhecimento do idioma japonês permitiu que ela fosse selecionada para estudar como bolsista pela Associação Fukui Kenjin-kai do Brasil. O interesse pela pesquisa surgiu a partir de suas experiências no estágio motivando-a a realizar o trabalho na área da educação.

A dissertação de Edna Tanaka defendida em 2009 intitulada *A volta dos filhos de dekassegui ao Brasil: escolarização, dificuldades e superação* versa sobre o processo de educação das crianças que estão inseridas no contexto cultural japonês e retornam ao Brasil. A

natureza da pesquisa é denominada de estudo de caso¹⁹. Focaliza sua investigação da história de vida de uma aluna filha de decasséguis que retornou ao Brasil.

A metodologia partiu da identificação dos alunos do Ensino Fundamental matriculados na Rede Estadual de Ensino paulista, de uma Diretoria de Ensino, filhos de dekassegui, para caracterizar a situação de aprendizagem a partir de professores, pais e/ou responsáveis e próprios alunos. A partir desse levantamento, foi escolhida uma aluna, de 11 anos, matriculada na 3ª série do Ensino Fundamental.

O estudo está baseado sob a perspectiva teórica de Antônio Carlos Ciampa (1995) na constituição da identidade dessa criança e na identificação das dificuldades enfrentadas nessas condições, partindo da concepção de que o processo de identidade se dá durante toda a vida. Optou-se pela abordagem qualitativa, utilizando-se do recurso da história de vida para se conhecer as vivências do sujeito, segundo sua própria perspectiva, de sua mãe e de suas professoras.

A autora constatou que a experiência do sujeito pesquisado como aluna numa escola japonesa foi marcada pela dificuldade do idioma e vários problemas, com o agravante do bullying/ijime (agressões e humilhações). Com isso, era vista como uma aluna tímida, retraída e com problemas de saúde. Em seu retorno ao Brasil, encontra na escola pública um lugar de pertencimento contribuindo para que ela vivencie metamorfoses capazes de fortalece-la e transformá-la em boa aluna, além de ter recobrado a saúde.

2.5.4 O ensino de ciências em uma instituição escolar brasileira: a constituição de uma identidade cultural japonesa

Priscila Aizawa (2011), tem descendência japonesa por parte de pai e brasileira por parte da mãe, cresceu entre estas duas culturas que constituem sua identidade. Possui formação tanto em escola brasileira como em cursos voltados para a cultura japonesa de forma harmônica. Graduou-se em Pedagogia, e a partir da influência dos relatos de seus familiares que vivem no Japão, buscou no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

¹⁹ Estudo de caso – “Identificação/descrição e/ou interpretação de um só caso ou de um limitado número de casos, explorando tudo que seja importante, relevante ou possivelmente significativo para o fenômeno ou fato investigado (um grupo de alunos ou de professores ou de escolas, etc.). O estudo de caso limita a pesquisa a um tema ou a um problema específico e examina o maior número possível de fatores relevantes ou significativos para esse tema ou problema num número limitado de casos. Incluem-se aqui a pesquisa-ação: um estudo de caso em que o pesquisador é o próprio autor da dissertação ou tese, que busca investigar determinado fenômeno ou fator, promovendo ele mesmo a situação para essa investigação.” (SOARES, 2000, p.59)

o conhecimento para entender como as crianças que vão se constituindo entre as culturas japonesa e brasileira percebem o Ensino de Ciências.

A pesquisa de dissertação defendida por Aizawa em 2011, intitulada *O ensino de ciências em uma instituição escolar brasileira: a constituição de uma identidade cultural japonesa*, investigou como os alunos das séries iniciais da Escola Oshiman percebem o ensino de Ciências. A escola Oshiman é uma instituição brasileira localizada em São Paulo (SP) que traz em seu currículo atividades próprias da cultura japonesa.

A metodologia adotada foi análise e problematização de documentos oficiais da escola como o Projeto Político Pedagógico, o Plano de Ciências dos anos iniciais e entrevistas com duas professoras da disciplina de Ciências e com alunos da 4ª série. Esse estudo desenvolveu-se no plano das discussões acerca das interlocuções entre o Oriente e Ocidente, deixando claro que não houve intenção de comparar as culturas, mas sim uma reflexão acerca do ensino de ciências, da educação e da cultura.

As teorias que embasaram a pesquisa são de Michel Foucault (2007, 2009), propondo colocar em suspenso as verdades alicerçadas pela Ciência no Ocidente, bem como problematizar a constituição do sujeito e suas relações dentro da instituição escolar. Para o solo Oriental, embasou-se pelos entendimentos de Edward Said (2007) e de Ruth Benedict (2007), entre outros que abrangem a cultura japonesa.

Diante dessas perspectivas teóricas, foram escolhidos os Estudos Culturais como marco epistemológico do trabalho. Ao visar a compreensão da constituição da identidade destes sujeitos que trazem como marca uma concepção ocidental do fazer ciência, por uma concepção oriental que perpassa suas identidades culturais, tendo em vista que o ensino de Ciências é tido como universal, a autora retoma a história do Japão para mostrar que a tradição científica ocidental teve início na Era Meiji²⁰, tornando-se uma característica da cultura japonesa.

2.5.5 Singularidades da educação na colônia agrícola japonesa de Santa Cruz

Sinvaldo do Nascimento Souza (2005) dedicou-se a estudar a colônia de imigrantes japoneses em sua pesquisa de especialização e sobre as singularidades da educação na colônia japonesa de Santa Cruz em sua dissertação de mestrado. Ele justifica seu interesse pelo tema a

²⁰ Era Meiji – Período de transformações políticas no Japão, marcado pela restauração do poder Imperial com a queda do sistema feudal estabelecido pelo regime Tokugawa, no qual o país idealizou a modernização reproduzindo os modelos ocidentais (MARQUES, 2014).

partir do olhar curioso em relação as pessoas daquele grupo de “aspecto exótico” visivelmente identificados como não brasileiros observados desde sua infância na cidade em que morava.

Sua dissertação de mestrado intitulada *Singularidades da educação na colônia agrícola japonesa de Santa Cruz*, defendida em 2005 pela Universidade Federal Fluminense na Faculdade de Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação, teve como objetivo analisar as singularidades da educação e da cultura na Colônia Agrícola Japonesa de Santa Cruz, situada na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro (RJ).

Foi realizada uma pesquisa empírica e a metodologia adotada partiu da observação e participação do pesquisador com o intuito de suscitar novos dados. Durante a realização da pesquisa, Souza (2005) empreendeu leituras específicas sobre o tema visando resgatar a história da imigração japonesa no Brasil e de entrevistas gravadas com as famílias que residiram na Colônia de Santa Cruz.

Sua abordagem teórica está relacionada ao campo da antropologia pautando-se em autores como Emílio Willems (1980), Emile Durkheim (1973) e Pierre Bourdieu (1998). Souza (2005) afirma que o tema imigração japonesa está mais relacionado a antropologia por questões etnográficas, por isso mantém seu trabalho nesta linha de pesquisa.

Com relação as singularidades da educação dos filhos de imigrantes, Souza (2005) conclui que não há como inferir que os alunos descendentes possuíam um desempenho melhor do que os alunos brasileiros ou de outras etnias. O que havia de especial na educação dos nipo-brasileiros era a motivação e o reforço que os alunos recebiam em casa, comprovados por meio dos relatos das entrevistas. Os relatos das entrevistas apontavam que estes alunos tinham ajuda dos pais ou irmãos mais velhos para realizar os deveres de casa.

2.5.6 Um estudo sobre crenças de professores nikkeis: abordagens de ensino em uma escola de colônia

Marley Francisca de Lima (2015) iniciou seus estudos sobre a língua japonesa no ano de 1996 enquanto residia no Japão. Ao retornar ao Brasil no ano de 1999, movida pela dificuldade no aprendizado do idioma decidiu dar continuidade aos estudos da língua japonesa. Ingressou na escola inicialmente como aluna, no ano seguinte passou exercer a função de secretária e posteriormente passou a lecionar na instituição como professora voluntária, dando aulas e palestras.

A dissertação de Marley Francisca de Lima (2015) *Um estudo sobre crenças de professores nikkeis: abordagens de ensino em uma escola de colônia*, é um estudo associado

ao relato de sua experiência observadas pelas práticas de ensino da instituição comunitária, no qual a autora compara as abordagens de ensino de duas professoras de língua japonesa com experiência no Japão que atuaram em uma escola comunitária na associação Nipo-brasileira.

A metodologia partiu de observação e gravações em áudio das aulas, observação do contexto (escola e associação), notas de campo e entrevistas. Baseado no método de pesquisa científico-indutivo, de abordagem qualitativa a pesquisa é de natureza “estudo comparativo²¹”, com análise dos dados a partir do foco de estudo de caso e etnografia, comparando as abordagens utilizadas pelas duas professoras. Segundo a autora:

Os resultados deste trabalho de pesquisa nos permitiram concluir que, as duas professoras apresentam formas diferentes para a aplicação do ensino, embora apresentassem experiências comuns no que diz respeito à terem vivido no Japão e estudado em escolas japonesas enquanto seus pais trabalhavam como decasséguis. Essas divergências, conforme os dados comprovaram, são resultantes das crenças que cada uma possui acerca de como deve ser o ensino de japonês. Obviamente, suas crenças vêm recheadas de suas experiências quanto à própria aprendizagem do japonês, das influências da direção e comissão administrativa da escola, assim como das influências da associação de nipo-brasileiros a que a escola está subordinada. (LIMA,2015, p.181)

Lima (2015) conclui que as professoras apresentam metodologias diferentes de ensino, devido ao contexto que formaram suas subjetividades. Nesta mesma perspectiva, temos a dissertação que será analisada a seguir, intitulada “Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa”, que será tomado como referência sobre a produção da pesquisa sobre a Escola Visconde de Cairu.

2.5.7 Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa

Miriam Mity Nishimoto (2011), iniciou seus estudos sobre a escola Visconde de Cairu ainda na Graduação do curso de Pedagogia, sua monografia defendida em 2006 pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, intitulada *Escola Visconde Cairu em Campo Grande-MS: as estratégias familiares na educação das novas gerações de nipo-brasileiros*. De acordo com os apontamentos quanto a conclusão da monografia a autora destaca que:

[...] as famílias partilhavam de uma estratégia coletiva idealizada pelos japoneses, ao escolher uma instituição que reforçava os valores étnico-culturais e favorecia a

²¹ Estudo comparativo – “Comparação de casos (sujeitos, instituições, métodos, etc.), de fenômenos, através de identificação e/ou descrição e/ou explicação de características, consequências, condições, comportamentos, analisando o que realmente ocorre (o que é diferente da pesquisa experimental, em que são criadas condições para que algo ocorra ou não).” (SOARES, 2000, p.59)

socialização com membros do mesmo grupo étnico, o que aliava-se ao fato da escola oferecer um ensino capaz de preparar os descendentes para os níveis escolares mais elevados e boas colocações profissionais. (NISHIMOTO, 2011, p. 18-19)

As discussões deste trabalho suscitaram novas questões que a impulsionaram a dar continuidade nas pesquisas sobre a instituição culminando em sua dissertação de mestrado. Apesar das tentativas de acesso a monografia, não foi possível localizar este trabalho para consubstanciar o presente estudo.

A dissertação de Mestrado de Nishimoto (2011) intitulada *Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa*, contou com 212 páginas, divididas em 3 capítulos e subtópicos, nos quais a autora distribui seu trabalho retratando desde a saída dos japoneses a sua chegada na cidade morena. Ela constrói um mosaíco fotográfico para em seguida tratar as memórias de quatro professoras de origem japonesa, aposentadas, que lecionaram na Escola Visconde de Cairu com recorte temporal entre os anos de 1965 e 2006. A natureza da pesquisa de Nishimoto (2011) é denominada de pesquisa histórica.

Nishimoto (2011) fundamenta-se a partir do conceito de *habitus*, de Bourdieu (1983), para suscitar as marcas originárias da cultura japonesa que permearam as práticas escolares destas professoras. Reafirmando esse elo, Nishimoto (2011) cita ‘Nóvoa “[...] não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de ideais e muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana.” (NÓVOA, 2007, p. 09 apud NISHIMOTO, 2011, p.27)

Com base nessa afirmação Nishimoto (2011) comprova a constituição do sujeito a partir de suas vivências e justifica a escolha de trabalho com as memórias de professoras. Assevera que a compreensão das “[...], memórias das professoras aposentadas japonesas trazem as histórias de trajetórias de vida que, quando iluminadas, revelam a história da formação profissional que não se resume aos saberes institucionalizados acessados nas salas de formação de professores.” (NISHIMOTO, 2011, p.19)

No primeiro capítulo, a autora apresenta a chegada dos primeiros imigrantes e a formação das colônias no sul de Mato Grosso.

Conforme os registros das histórias de vida dos primeiros imigrantes japoneses no sul de Mato Grosso, esses passaram a se estabelecer no estado, em sua maioria, após o término da construção da ferrovia. No entanto, registros apontam que a fixação se deu antes mesmo do término, pois, segundo Brito (2000), cidades do interior, como Aquidauana e Miranda, já assinalavam oportunidades de trabalho para esses imigrantes. (NISHIMOTO, 2011, p.42)

Nishimoto (2011) aponta a criação de espaços sociais das colônias japonesas como uma maneira de garantir a união em busca de suporte e de interação na busca de melhorias para os imigrantes. Nesses espaços sociais, discutiam primordialmente a preocupação dos japoneses em garantir a educação de seus filhos, para que estes não viessem a sofrer as mesmas dificuldades vividas quando seus pais adentraram em solo brasileiro. Com o objetivo de garantir uma boa educação aos filhos, os imigrantes da colônia Chacrinha²² uniram esforços e doações na construção da modesta Escola de Língua Japonesa Hanja.

De acordo com Nishimoto (2011), em 1924 com o aumento no número de estudantes houve a necessidade de ampliação da escola para atender a demanda. Ainda segundo a autora, Kosho Yamaki, líder da comunidade na época, vislumbrou a ascensão econômica e social da comunidade japonesa transferindo a escola para a área urbana de Campo Grande. Com isso, buscava proporcionar uma estrutura melhor para acomodar os alunos. Ainda sobre essa questão, as fontes pesquisadas pela autora, mostram que a transferência da escola só foi possível com a ajuda do governo japonês.

Com a transferência da escola para a área urbana em 1925, os registros de Nishimoto (2011) apontam que a escola passou a ser chamada de Escola Japonesa de Campo Grande. Ainda conforme Nishimoto (2011), em 1927 a escola foi renomeada novamente. Houve a “[...] mudança do nome da escola para Visconde de Cairu em homenagem a José da Silva Lisboa, que influenciou a abertura dos portos às nações amigas. Este era um meio de abrandar os ânimos da política vigente que incidiam sobre a escola”. (NISHIMOTO, 2011, p.81).

Nishimoto (2011) relata que o primeiro professor brasileiro da instituição, Luis Alexandre de Oliveira junto com a professora Ayd Cesar Camargo assumiram a direção da escola e transferiram os bens da colônia para seu nome, pois assim impediriam que estes fossem confiscados durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com a autora houve ocasiões em que Luiz Alexandre precisou acompanhar os alunos até suas casas para evitar que fossem hostilizados. A autora destaca a importância destes dois professores em defesa da comunidade

²² A Colônia Chacrinha foi a primeira colônia instalada nas redondezas de Campo Grande – MS

japonesa, e menciona o reconhecimento de suas atividades em prol da comunidade sendo “[...] a única mulher brasileira agraciada pelo Imperador do Japão.” (NISHIMOTO, 2011, p.82)

Com o fim da guerra, Luis Alexandre devolveu os bens e a administração da escola aos representantes da colônia. A escola se manteve em funcionamento, mantendo seu rigor com relação a educação. A procura por vagas na instituição teve um aumento muito expressivo, levando a escola a dar preferência aos descendentes de japoneses e aqueles que tinham indicação por parte dos funcionários ou da Associação japonesa.

Pelo menos durante a década de 1990, a escola já tinha um nome na cidade e, por isso, tamanha era a procura por essa instituição, tanto por descendentes de japoneses como não descendentes. É interessante que a procura dessa instituição se estendeu aos filhos de imigrantes: libaneses, chineses, portugueses, por exemplo. Tal procura se deve, principalmente, pela imagem da escola que priorizava a disciplina e a tradição escolar, além de ser uma “escola de japoneses”, cujo povo está associado à imagem de honestidade, trabalho e dedicação aos estudos. (NISHIMOTO, 2011, p.79)

A narrativa do histórico sobre a instituição termina e se dá espaço para as inferências nos dias atuais descrevendo aspectos quanto ao funcionamento e organização da instituição privada, que hoje oferece os cursos que compreendem desde a educação infantil até o ensino fundamental, mantendo a valorização da educação formal preparando os alunos para o mercado de trabalho. (NISHIMOTO, 2011)

Feitas essas considerações, Nishimoto (2011) segue seu estudo apresentando as argumentações teóricas para a configuração do *habitus* professoral com contribuições de estudiosos da sociologia e da antropologia. A autora ressalta que:

É preciso ponderar que não afirmamos que as professoras em questão incorporaram exclusivamente os valores da cultura de origem ou ainda, que as incorporações se deram de forma fidedigna tal como pensado numa cultura japonesa oriunda do Japão, pois é fato que o japonês migrado carrega as marcas de uma referência cultural de um determinado tempo e espaço vivido em seu país de origem e as relações com uma sociedade mais abrangente não são excluídas. (NISHIMOTO, 2011, p.96)

Além destas marcas culturais, as professoras transformavam suas práticas compatíveis com os moldes da cultura original atendendo aos interesses do grupo. Assim, o papel do professor era tido como figura central em uma representação hierárquica do aprendizado. Conforme podemos observar na referência de Nishimoto a Brito (2000):

O professor representava a autoridade máxima, que não era questionada pelos pais muito menos pelas crianças. Por outro lado, a escola lenta e gradativamente passa a representar a possibilidade de inserção na sociedade mais abrangente e, deste modo,

uma disciplina rigorosa é exigida e as ordens do mestre sempre acatadas. (BRITO, 2000, p.80 apud NISHIMOTO, 2011, p. 96)

Após explicitar a razão pela utilização do conceito de *habitus*, Nishimoto (2011), a partir das memórias como suporte metodológico aliada a fotografias, documentos e entrevistas coletados nas visitas para exame de seu objeto, tendo como finalidade:

[...] compreender o processo pelo qual os valores culturais passaram às gerações, como encarnações das heranças culturais que, embora cada qual possa reinterpretar os valores da cultura de formas diferenciadas, ainda assim são aspectos compartilhados como um patrimônio cultural que são solidários aos membros do grupo, cujas representações sociais relacionam-se ao passado que foi guardado e socializado no grupo e, especificamente, no campo educacional entre os agentes educacionais. ((NISHIMOTO, 2011, p.102)

Nesta perspectiva a autora define os seguintes critérios a serem considerados: 1) professoras com ascendência japonesa; 2) professoras aposentadas; 3) professoras que tivessem lecionado na escola Visconde de Cairu em Campo Grande/MS. Esses critérios visam compreender as origens das professoras, destacando como suas identidades sofreram influência da cultura.

Em seguida o texto apresenta como Nishimoto (2011) encontrou suas fontes de pesquisa. Ela relata que por meio de ajuda de amigos e de indicações das Associações (Okinawa e AECNB), encontrou quatro professoras que se disponibilizaram a participar da pesquisa. Três das entrevistadas não nissei, pertencem a segunda geração de japoneses que migraram para o Brasil, enquanto a quarta é sansei, sendo a terceira geração, ou seja, neta de japoneses. Para análise do material a autora contou com o suporte de um software nominado de NVivo 8²³, para o cruzamento dos dados colhidos.

O programa permitiu a análise dos dados observando a partir das entrevistas narradas a quantificação das vivências mais apreciadas nas memórias das entrevistadas por meio da quantidade das menções realizadas pelas entrevistadas e da qualidade de detalhes das narrativas.

A partir das análises a autora conclui que: “[...] as professoras tornaram-se agentes educacionais porque incorporaram os valores coletivos e agiram em conformidade com o grupo étnico de japoneses formando agentes assim como elas. (NISHIMOTO, 2011, p.197). Finaliza

²³ NVivo 8 é um software que permite a análise qualitativa, cruzando os dados da pesquisa no tratamento das informações coletadas nas entrevistas potencializando os resultados da pesquisa aumentando o alcance e a profundidade da análise.

Fonte: **NVivo 8**, disponível em: <<http://download.qsrinternational.com/Document/NVivo8/NVivo8-Getting-Started-Guide-Portuguese.pdf>> Acesso em: 20/04/2017

seu texto apontando a importância de pesquisas sobre os professores uma vez que tiveram um papel importante e estão sendo esquecidos no tempo.

3 O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA SOBRE A ESCOLA VISCONDE DE CAIRU

A pesquisa investigou a história da Escola Visconde de Cairu, fundada por imigrantes japoneses que chegaram ao sul de Mato Grosso nas primeiras décadas do século XX. Este trabalho teve início com a revisão bibliográfica acerca da escolarização dos filhos de imigrantes japoneses. Após realizar contatos telefônicos e por redes sociais com a gestão da escola, iniciamos a visita à instituição para coleta dos documentos que serão apresentados no decorrer deste capítulo.

Durante a pesquisa, tomamos conhecimento de outros pesquisadores que haviam visitado a instituição, porém não havia indicações que nos aproximassem destas pesquisas. Com o trabalho em desenvolvimento, a partir de buscas em bibliotecas virtuais das universidades estaduais e federais de Mato Grosso do Sul e nas bibliotecas virtuais, IBICT, Scielo e BTDC, localizamos a dissertação de Míriam Mity Nishimoto (2011) denominada *Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa*, a qual contribuiu na elaboração deste trabalho de cunho bibliográfico.

A pesquisa teve como suporte teórico metodológico a Nova História Cultural, por meio desse suporte teórico metodológico, “A leitura complexa e multidimensional de objetos culturais, representações e práticas têm levado historiadores diversos a ampliar suas perspectivas de estudos e interesses.” (BARROS, 2011, p. 51) O trabalho é fundamentado em pesquisa bibliográfica e documental com o uso de fontes primárias: dados sobre as atividades realizadas pela escola e seus agentes, funcionários e alunos.

As primeiras iniciativas educacionais ocorridas em Arraial de Santo Antonio do Campo Grande (atual Campo Grande-MS), ocorreram na colônia Chacrinha. Um grupo de cinco imigrantes preocupados com a educação de seus filhos, uniram forças e construíram a Escola Primária Hanja em um terreno doado por Jiro Oshiro a escola primária Hanja, que segundo o livro *Ayumi – A saga da colônia japonesa em Campo Grande* (2008), recebeu este nome em homenagem a terra natal do senhor Jiro Oshiro.

Em agosto de 1914, os irmãos Akamine decidiram fixar-se em Campo Grande, juntamente com Kamado Oshiro (da primeira leva de imigrantes), Jiro Oshiro e Guentai Hokama (da terceira leva), entre outros. Algum tempo depois a eles se juntaram Kisha Akamine, Ushi Hokama, Tokichi Arakaki, Kame Shimabukuro e Otsunosuke Oshiro, ampliando o número de companheiros residentes na cidade. [...] Em 1918, esses membros se organizaram para construir a primeira escola de língua japonesa de Campo Grande. O líder da iniciativa era Kosho Yamaki, que concluiu o ensino intermediário, equivalente ao ginásio brasileiro, o que o tornava um raro

intelectual dentro da colônia japonesa. (ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA CULTURAL NIPO-BRASILEIRA, 2008, p.37,38)

FIGURA 1 – Mapa das colônias de imigrantes japoneses em Campo Grande/MS

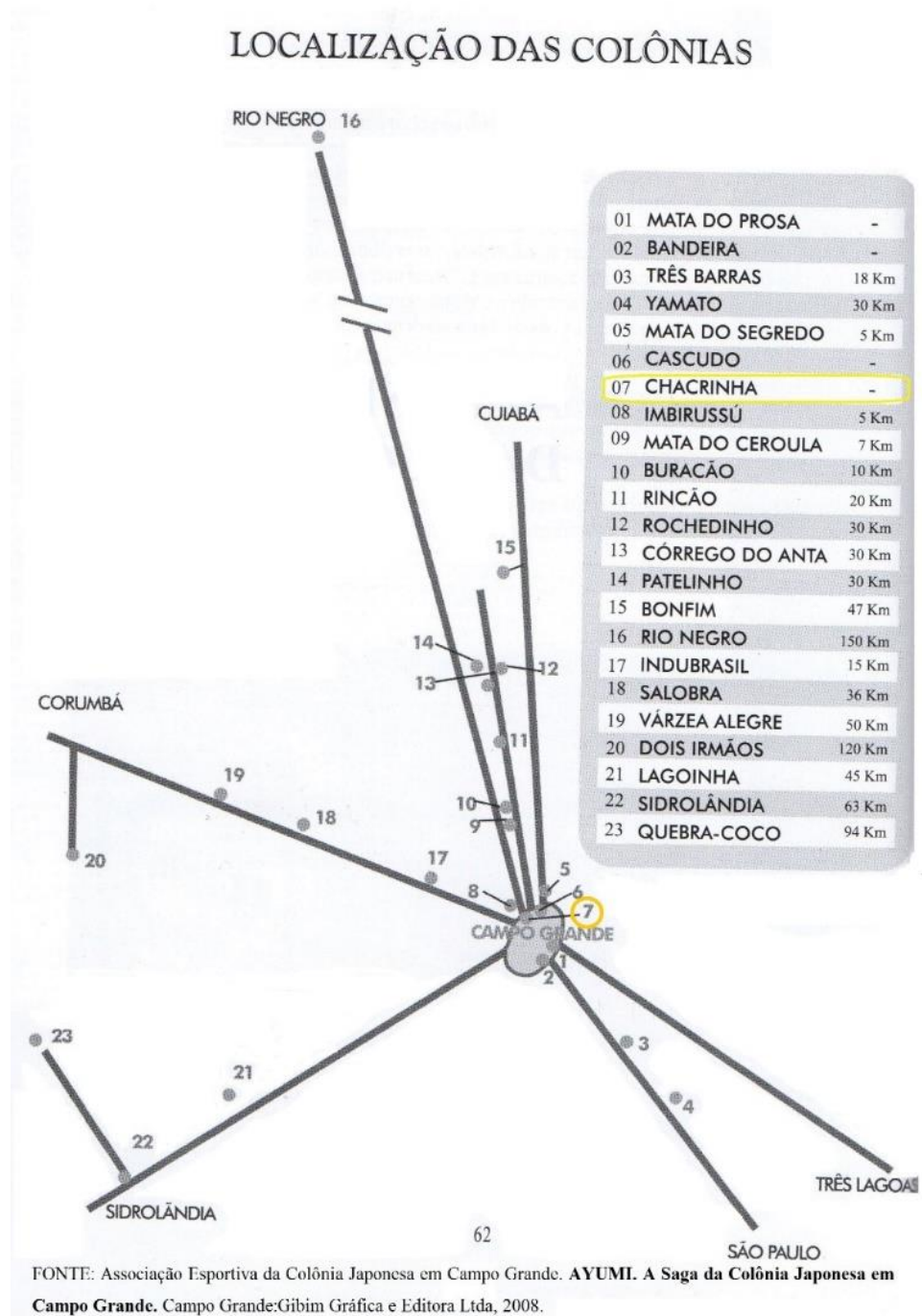


FIGURA 2 – Professor e alunos dos primórdios da Escola de Língua Japonesa de Hanja



Fundada em agosto de 1918²⁴, segundo o livro *Ayumi* (2008), a escola Hanja logo precisou de ser ampliada para atender a demanda de imigrantes que estavam se estabelecendo naquela região. Foi então que Kosho Yamaki, um dos fundadores da escola Hanja e líder da colônia, vislumbrou a mudança da escola para a zona urbana de Campo Grande. Além de atender a demanda dos alunos, a mudança de endereço proporcionaria melhores condições de deslocamento e segurança, tendo em vista que a escola situava-se em uma área com muitos buracos e próximo a linha férrea sob o risco de causar algum acidente.

Os pais dos alunos inicialmente não concordaram com a construção de uma nova escola tendo em vista as questões financeiras de aquisição de um terreno e dos materiais para a construção do novo prédio. No entanto, Kosho Yamaki não desistiu da ideia de ampliação da escola, sendo de fato consolidada com a aquisição de um terreno com uma casa de alvenaria que passou por reformas e possibilitou o atendimento de cerca de 30 crianças. Com a ajuda de um amigo jornalista, Sukenari Onaga que gozava de livre acesso ao Consulado, Yamaki

²⁴ Fonte: **ブラジル日本人移民 20 正規のあゆみ** CAMINHO DOS IMIGRANTES JAPONESES – BRASIL – SÉCULO 20, ニッケイ新聞 NIKKEY SHIMBUN JORNAL DO NIKKEY, p.141. Jornalística União Nikkey Ltda, São Paulo, SP, 2000. Acervo pessoal.

conseguiu que o governo japonês contribuisse financeiramente possibilitando equilíbrio na economia da gestão escolar (ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA CULTURAL NIPO-BRASILEIRA, 2008, p.40, 41).

As restrições às escolas étnicas iniciaram após o fim da Primeira Guerra Mundial, quando o país começa a ambicionar uma legitimação da identidade nacional, e sanciona por meio do Decreto – Lei 406 de 4 de maio de 1938, as seguintes restrições acerca da educação:

Art. 85. Em todas as escolas rurais do país, o ensino de qualquer matéria será ministrada em português, sem prejuízo do eventual emprego do método direto no ensino das línguas vivas.

§ 1º As escolas a que se refere este artigo serão sempre regidas por brasileiros natos.

§ 2º Nelas não se ensinará idioma estrangeiro a menores de quatorze (14) anos.

§ 3º Os livros destinados ao ensino primário serão exclusivamente escritos em línguas portuguesa.

§ 4º Nos programas do curso primário e secundário é obrigatório o ensino da história e da geografia do Brasil.

§ 5º Nas escolas para estrangeiros adultos serão ensinadas noções sobre as instituições políticas do país.

Art. 86. Nas zonas rurais do país não será permitida a publicação de livros, revistas ou jornais em línguas estrangeira, sem permissão do Conselho de Imigração e Colonização.

Art. 87. A publicação de quaisquer livros, folhetos, revistas, jornais e boletins em língua estrangeira fica sujeita à autorização e registro prévio no Ministério da Justiça. (BRASIL, Decreto Lei nº 406, de 04 de maio de 1938, Diário Oficial da União - Seção 1 - 6/5/1938, Página 8494 (Publicação Original)

As imposições sancionadas pelo decreto partiam desde a restrição aos materiais didáticos em outros idiomas, a obrigatoriedade do ensino de Língua portuguesa, ensino de história e geografia do Brasil incluindo a exigência de que os professores e diretores fossem brasileiros, bem como a proibição do ensino de qualquer outro idioma que não fosse o português a alunos menores de 14 anos. Neste ano, as escolas étnicas foram fechadas ou transformadas em escolas públicas.

Durante a Segunda Guerra o Brasil apoiou os Estados Unidos que era inimigo do Japão, isto ocasionou uma série de restrições aos imigrantes japoneses em solo brasileiro. Os asiáticos ficaram proibidos de comunicar-se em seu idioma sob pena de serem presos e maltratados. Alguns foram submetidos a campos de concentração juntamente a outros imigrantes conforme relata Zanelatto e Gonçalves (2013):

Nesta perspectiva, os campos de concentração brasileiros representaram mais um dos inúmeros mecanismos repressivos do governo estado-novista, legitimado pelo estado de guerra na Europa, no qual o país vivenciava. Com a nacionalização e a guerra, os elementos considerados estrangeiros presentes em seu território precisavam ser combatidos. Alemães, italianos e japoneses tiveram todas as suas práticas culturais, políticas, econômicas e costumes impedidos. Perseguições, detenções, confinamentos foram práticas comuns em relação a estes grupos, naquele período, por serem considerados inimigos de guerra e perigosos à segurança nacional. (ZANELATTO E GONÇALVES, 2013, p. 6)

Os japoneses passaram a portar um documento chamado salvo conduto que lhes garantiam o direito de trabalho e de circular pela cidade.

FIGURA 3 – Documento utilizado durante a Segunda Guerra (Salvo Conducto)



Fonte: Associação Esportiva E Cultural Nipo-Brasileira (AECNB). **AYUMI. A Saga da Colônia Japonesa em Campo Grande.** Campo Grande: Gibim Gráfica e Editora Ltda, 2008.P.52.

Com a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, os imigrantes japoneses desistem do sonho de retornar a sua terra natal, fixando em definitivo no solo brasileiro. A partir daí, a inclinação dos imigrantes japoneses com relação aos estudos passa a ter um novo foco, a escolarização brasileira.

A partir da transferência da escola para a área urbana em 1925, os registros de Nishimoto (2011) apontam que a escola passou a ser chamada de Escola Japonesa de Campo Grande. Já em 1927, houve a “[...] mudança do nome da escola para Visconde de Cairu em homenagem a

José da Silva Lisboa, que influenciou a abertura dos portos às nações amigas. Este era um meio de abrandar os ânimos da política vigente que incidiam sobre a escola”. (NISHIMOTO, 2011, p.81).

FIGURA 4 – Alunos da Escola Japonesa de Campo Grande em 1926



As sanções políticas instituídas pelo governo de Vargas puseram em risco o funcionamento da escola Visconde de Cairu.

[...]. Com o Decreto 406 de maio de 1938, ordenou que todo material usado na escola elementar fosse em português, que todos os professores e diretores de escola fossem brasileiros natos, que nenhum livro de texto, revista ou jornal circulasse em língua estrangeira nos distritos rurais e que o currículo escolar tivesse instrução adequada em história e geografia do Brasil. (KREUTZ, 2000, p.365)

O presente trabalho segue em consonância com o texto de Nishimoto (2011) ao reportar a solução encontrada pelos imigrantes japoneses para evitar que seus bens fossem confiscados pelo governo brasileiro. Desta forma, não poderíamos deixar de mencionar o importante papel que exerceram o Dr. Luiz Alexandre de Oliveira²⁵ e a professora Ayd Cesar Camargo.

²⁵ O professor Luiz Alexandre de Oliveira, formou-se em direito no ano de 1937, e recebe a titulação de doutor pela interpretação da lei que criou os cursos de Direito no Brasil, sendo concebida por D. Pedro I disposto na Lei do Império de 11 de agosto de 1827. Disponível em: <<http://www.irenemurai.adv.br/advogado.pdf>> Acesso em: 26/10/2017

Procuramos apresentar alguns relatos de acontecimentos que não foram abordados na dissertação de Nishimoto (2011).

Diante das sanções impostas pelo Brasil, o professor Luiz Alexandre de Oliveira assumiu a direção da escola e dos bens da colônia japonesa regularizando a condição da Escola Visconde de Cairu e permitindo que seus trabalhos tivessem continuidade. Desta forma, o professor Luiz Alexandre foi considerado “[...] a pessoa que mais contribuiu para a comunidade japonesa”. (ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA CULTURAL NIPO-BRASILEIRA, 2008, p.41).

FIGURA 5 – Dr. Luis Alexandre de Oliveira



FONTE: ARQUIVO DA ESCOLA

O professor Luiz Alexandre de Oliveira iniciou suas atividades, ensinando português em uma colônia em Aquidauana aos 16 anos, e em seguida foi convidado à lecionar português, história do Brasil e matemática na escola Visconde de Cairu. Como diretor da escola e administrador dos bens da colônia japonesa, atuou resolvendo vários percalços, sendo que um deles foi registrado no livro em comemoração ao centenário da imigração japonesa:

Um desses momentos difíceis ocorreu quando um oficial do governo federal no então Estado de Mato Grosso declarou-se desconfiado de que os alunos da Visconde de Cairu não sabiam cantar o hino nacional brasileiro. Luiz comunicou-lhe que a melhor solução seria vir à escola para verificar se de fato os alunos sabiam cantar o hino ou não. Diante do oficial, que veio de Cuiabá, os estudantes cantaram o hino melhor do que muitos brasileiros. (ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA CULTURAL NIPO-BRASILEIRA, 2008, p.41).

FIGURA 6 – Sr. Luiz Alexandre com os alunos da Escola Visconde de Cairu entoando o Hino Nacional Brasileiro

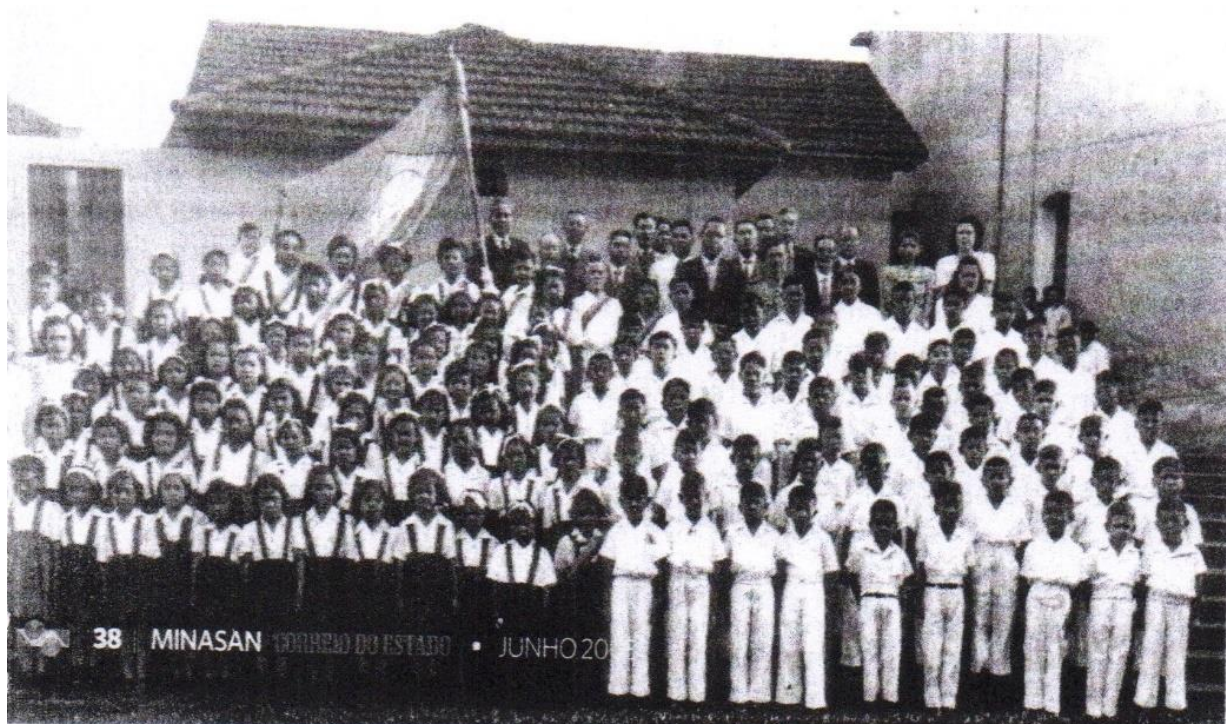


Foto do Sr. Luiz Alexandre com os alunos da escola Visconde de Cairu

Ao findar as sanções políticas, o professor Luis Alexandre devolveu os bens da colônia aos representantes da comunidade japonesa e no 50º Aniversário da Imigração,

[...]o governo da província de Okinawa lhe enviou um Termo de Gratidão, pela sua dedicação ao longo de muitos anos em prol da educação dos filhos e descendentes dos provincianos como diretor da Escola Visconde de Cairu, e na administração da Cooperativa Agrícola, oferecendo assistência aos imigrantes nas suas dificuldades com nobre dedicação e fraternidade. Em 1984, o governo japonês o condecorou com a Ordem do Sol Nascente em Raios Dourados e Prateados (AECNB, 2008, p.42).

Ao lado do Dr. Luis Alexandre na direção da escola Visconde de Cairu estava a professora Ayd Cesar Camargo, que trabalhou por décadas na instituição, sempre atuando em favor dos imigrantes. Em 1995, Ayd Foi condecorada com a Ordem da Preciosa Coroa em Damasco pelo Governo japonês em virtude de sua dedicação em razão de sua trajetória na luta pela proteção dos nikkeys e visando garantir a continuidade das ações educacionais da Escola Visconde de Cairu na cidade de Campo Grande.

FIGURA 7 – Ayd Cesar Camargo



FONTE: <http://www.portalmms.com.br/adm/images/{E922923D-01C9-4AEB-BFD5-96464303...>

Em homenagem ao 30º aniversário da Escola Visconde de Cairu foi declamado um poema de Ulisses Cuiabano em louvor a instituição pela sua contribuição educacional na cidade em um sessão cívica no dia 22 de agosto de 1948. Publicado pelo *Jornal do Comércio* em 26 de agosto de 1948.

Escola “Visconde de Cairu”

Ulisses Cuiabano

Chego às portas deste augusto templo

E contemplo

-bandadas graciosas de petizes felizes

a receber nos cérebros em flor

a dose salutar, quotidiana,

de sã educação, da qual promana

da pátria e da ciência o doce amor

Crianças: - um poeta já nos disse

que o livro é porta aberta para a luz.

Entrai por ela. A vossa meninice

é um canteiro de rosas que produz

o olor, que seguirá, - divina essência, -

os trâmites incertos da existência.

Estudai, e com fé; os professores
ouvi, com atenção.
Eles só vos darão
as primícias do bem – que são primores
para adornar o vosso coração.

Preparai, ó meninos, a vossa mente,
para receber
a bendita semente
do saber.
E depois colhereis opimos frutos
de suave sabor:
- os preciosos, lídimos produtos
de súbito valor.

Os pensamentos bons, ideias claras,
que nos elevam por essas sendas raras
da justiça do amor e da bondade
e de todos os bens essa existência,
residem justamente, na verdade,
que é luz que brilha com maior fulgência.

É na escola, - esse ninho de candura,
onde os mestres, com múltiplos desvelos,
tratam com meiga e paternal ternura
e incomparáveis zelos
essas boninas, que sois vós, crianças,
que germina, a guiar a nossa vida,
- o caráter – o dom que dá guarida
à linda flor das nossas esperanças.

Por isso, ao penetrar no santuário
do estudo, com profunda e justa unção,
bendigo o livro – autêntico sacrário

que encerra sem pedir compensação,
o esplendor da lição.

Esta escola gentil:

- “Visconde de Cairu” -, com trinta anos
de serviços prestados ao Brasil,
tornou-se um dos colégios veteranos
de Mato Grosso inteiro, onde se expande,
firmando da Colônia Japonesa
o prestígio e o trabalho, na certeza
de ser para a formosa Campo Grande
um padrão de progresso e de riqueza
um motivo de orgulho e de prazer,
porque encerra
- o amor da pátria e o gosto do saber.

Salve! Escola gentil.

- “Visconde de Cairu” – joia altaneira
E alvissareira
Deste amado torrão do meu Brasil.

Este agradecimento realizado por meio de poema ressalta o reconhecimento da instituição como promotora de conhecimento para os cidadãos da sociedade campograndense. As palavras expressam o momento educacional da época evocando os alunos a estarem preparados para receber a “semente do saber” que é oferecida pelos professores tidos como detentores do conhecimento dentro da instituição sendo reconhecida como “um padrão de progresso e de riqueza um motivo de orgulho e de prazer”. (CUIABANO, 1948)

Os documentos obtidos para a realização da pesquisa quanto ao funcionamento da instituição, datam a partir do ano de 1949, período pós-guerra. Nesse período, a instituição já era reconhecida e nacionalizada. Foram encontrados entre os documentos a lista de diretores e alguns dos professores que compunham o quadro de funcionários. Essa lista é base para a organização dos Quadros 1 e 2:

QUADRO 6 – Diretores e suas gestões na Escola Visconde de Cairu

Nomes	Período em exercício	Tempo de gestão
Assato Tokuro	1918 a 1933	15 anos
João Akamine	1933 a 1936	3 anos
Koiti Shibata	1937 a 1938	1 ano
Dr. Luiz Alexandre de Oliveira	1938 a 1970	32 anos
Profª Ayd Camargo Cesar	1946 a 1969	23 anos
Alice Shizuko Uehara	1970 a 1994	24 anos
Luiza Yoshie Kinoshita	1994 a 2009	15 anos
Joelma Maria do Nascimento	2010- Presente	7 anos – Atual

Organização: Yoshizaki, 2017

A lista que contém os nomes dos professores estava em uma folha destacada, junto aos documentos do ano de 1949, porém não havia registro de quando estes professores lecionaram na instituição.

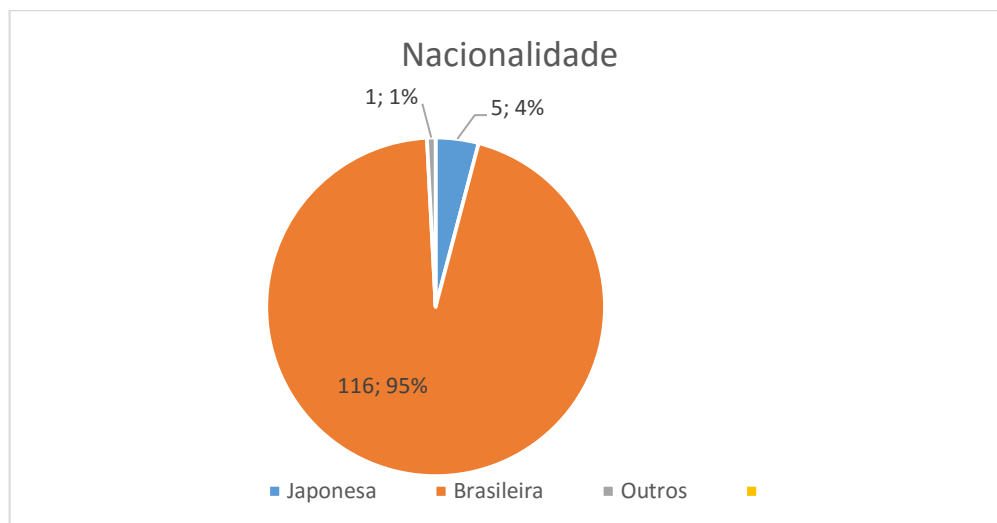
QUADRO 7 – Professores que lecionaram na Escola Visconde de Cairu

Constança C. Almeida Serra
Onira Santos
Liberalina Alves
Maria Emília Cardoso Pinheiro
Balbina Azuaga
Olinda de Oliveira
Rosalida C. Cesar
Vera de Figueiredo Correa
Ayd Camargo Cesar
Wanda de Oliveira
Tchiyo Ishiro
Ucy T. Nagamine
Elza de Almeida Santiago
Astrogilda de Figueiredo
Clarinda Alves Rodrigues
Elza Niedheidt Fernandes
Mariana dos Santos
Clarinda Mendes
Déa Ruth de Campos Vidal
Luiza D'Arruda Castro
Edina Rosa da Fonseca
Luiza Prado Komiyama
Elza Vieira de Almeida
Alize S. Uehara
Sônia Maria Scanoni
Yolanda Shimabukuro
Elizabete Gomes Lorentz de Figueiredo

Leidir Figueiredo Monteiro
Cândida dos Santos
Eunice Jesus de Campos
Celma Siervi Manso
Maria Lélia Nogueira
Lourdes Cardoso Ramalho
Leda Ganiko
Dirce Higa
Marlei Gomes Atalia
Lenice Figueiredo
Dorcas Gonçalves
Adélia Mineko Guenka
Elena Higa
Amélia Kazuko Teruya
Nargete Soares de Oliveira
Neide Canashiro Simabuco Ribeiro
Celina Araciro
Célia Hada
Anézia Kazuko Oyadomari
Silvia Inocêncio
Maria Antonieta Figueiredo Reis
Virgínia Maria Miyahira Nakazato
Jane Reynoso de Faria
Carmem Socorro Alves Foss Portilho

Organização: Yoshizaki, 2017

No desenvolvimento da pesquisa foi encontrado também o prontuário de matrícula do ano de 1933. Por meio deste prontuário observamos que dos 122 alunos matriculados nesse ano, 95% dos alunos da instituição tinham nacionalidade brasileira, 4% tinham de nacionalidade japonesa e 1% não declararam nacionalidade no ato da matrícula. Veja no Gráfico 3:

GRÁFICO 3 – Nacionalidade dos alunos matriculados em 1933

Organização: Yoshizaki, 2017

Naquele período a instituição ofertava os cursos de 1º ao 3º ano no período matutino, e 1º ao 4º ano no período vespertino. A grade curricular adotada pela instituição tinha como critérios avaliativos o comportamento, a caligrafia e o trabalho. As aulas ocorriam de segunda a sábado. Sobre essa grade curricular, observe o Quadro 3:

QUADRO 8 – Disciplinas avaliadas

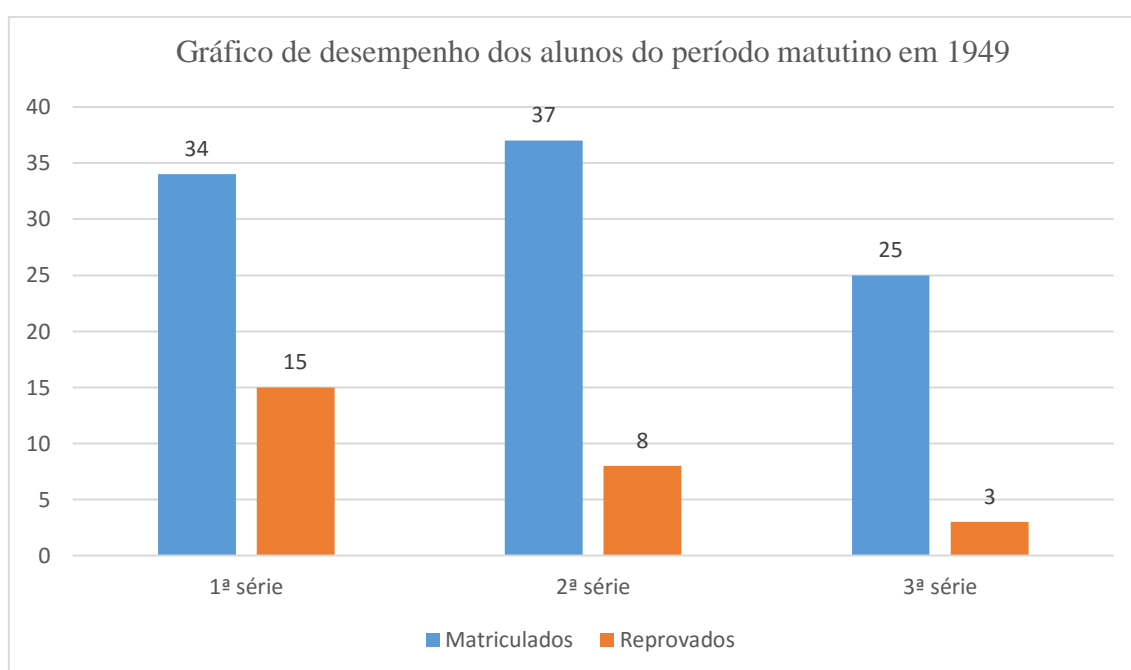
Disciplinas	1ª série	2ª série	3ª série	4ª série
Português	X	X	X	X
Aritmética	X	X	X	X
Comportamento	X	X	X	X
Caligrafia	X	X	X	X
Geografia	–	X	X	X
História do Brasil	–	X	X	X
Ciências	–	X	X	X
Comportamento	–	X	X	X
Desenho	–	X	X	X
Trabalho	–	X	X	X
Geometria	–	–	X	X

Organização: Yoshizaki, 2017

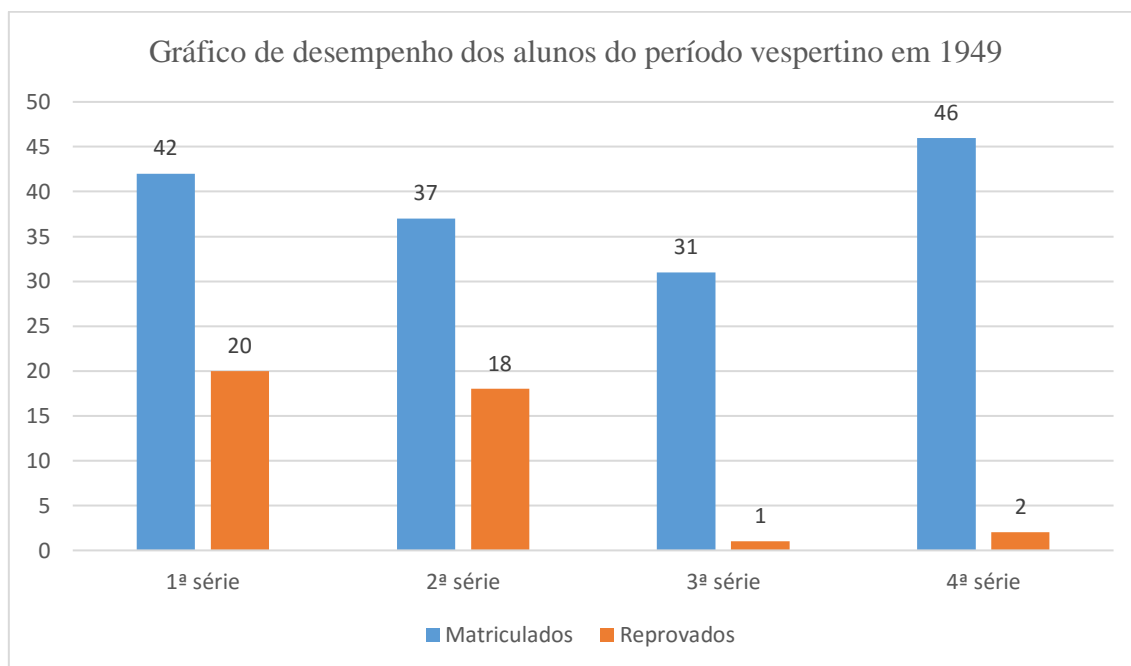
As informações referentes às disciplinas cursadas de 1ª a 4ª série foram coletadas dos diários de classe, assinados pelo diretor Luis Alexandre de Oliveira no ano de 1949. Nos registros dos diários podemos observar a partir das anotações finais a atribuição de prêmios de frequência e de aplicação. Estes prêmios eram concedidos por competências que se dividiam em: plenamente, simplesmente e reprovados.

Os índices de aproveitamento no ano de 1949, demonstraram que nas séries iniciais 1º e 2º ano os alunos reprovados somaram 40% do total de alunos matriculados. Nas séries seguintes, o número de alunos reprovados apresentou uma queda, no entanto a escola tinha apenas uma turma de alunos matriculados no quarto ano no período vespertino. O diário do 4º ano traz ainda um acompanhamento das instituições em que os alunos remanescentes foram matriculados para cursar o ginásio. Dos 46 alunos matriculados na 4ª série, apenas 8 (oito) alunos deram continuidade nos estudos. Seguem essas informações sistematizados nos gráficos abaixo:

GRÁFICO 4 – Índice de desempenho no período matutino



Organização: Yoshizaki, 2017

GRÁFICO 5 – Índice de desempenho no período vespertino

Organização: Yoshizaki, 2017

Apesar da dificuldade de encontrar os documentos e registros da instituição em sua fase inicial, a pesquisa se valeu de relatos orais encontrados em fontes bibliográficas já citadas, em consequência do período de nacionalização que ocorreu no Brasil antes e durante a Segunda Guerra mundial. Nesse período de nacionalização os documentos da instituição e dos colonos foram destruídos, conforme aponta ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA CULTURAL NIPO-BRASILEIRA (2008):

[...], Eiho Tomoyose, passou a manter os registros da colônia; todavia em 1943, sua residência foi vítima de apreensão por parte das autoridades que levaram não só as atas da entidade como todos os documentos referentes à colônia, livros em japonês etc. Com isso, foram perdidos registros valiosos da comunidade nipo-brasileira. (ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA CULTURAL NIPO-BRASILEIRA, 2008, p.45)

As ações da comunidade japonesa bem como das instituições construídas na comunidade em prol da educação são retratadas por Nishimoto (2011) como:

Digno de nota é que os japoneses trouxeram também importantes contribuições para o campo educacional, pois no âmbito das colônias japonesas de Campo Grande e arredores, espaços sociais passaram a ser construídos ao longo do tempo, as associações japonesas e as escolas étnicas inicialmente gestadas passaram a ser de fato construídas para atender a interesses econômicos, culturais e educacionais dos colonos. (NISHIMOTO, 2011, p.60)

A pesquisa demonstrou que, embora o objeto investigado já tenha sido tema de outros trabalhos, observamos que há muito material a ser estudado para outros pesquisadores, pois “A leitura complexa e multidimensional de objetos culturais, representações e práticas têm levado historiadores diversos a ampliar suas perspectivas de estudos e interesses.” (BARROS, 2011, p. 51).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa pudemos compreender por um lado, parte da conjuntura curricular e social na educação dos imigrantes japoneses no estado, por outro, a importância da união na colônia e do apoio prestados pelo professor Luiz Alexandre e da professora Ayd César Camargo em defesa da comunidade japonesa.

Os documentos coletados nos forneceram um panorama curricular da instituição, bem como de diretores, alunos e das atividades praticadas pelos colonos, pais dos alunos matriculados na instituição. Esse conjunto de documentos fornecem pistas para futuros questionamentos acerca do currículo, relações professor-aluno, práticas educacionais, entre outros.

A pesquisa defrontou-se com a dificuldade de encontrar os documentos e registros da instituição em sua fase inicial. Mediante essa dificuldade, a pesquisa se beneficiou dos relatos encontrados em fontes bibliográficas já citadas, em consequência do período de nacionalização que ocorreu no Brasil antes e durante a Segunda Guerra Mundial. Nesse período de nacionalização os documentos da instituição e dos colonos foram destruídos,

A pesquisa sobre a história da Escola Visconde de Cairu colabora para o fortalecimento de sua identidade, evidenciando a contribuição da instituição ao longo de sua trajetória na formação dos sujeitos para a sociedade de Campo Grande MS. Por fim, a ação e os resultados fomentaram discussões e o fortalecimento do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira (GEPHEB).

A Escola Visconde de Cairu aproxima-se de seu centenário em plena atividade atendendo a toda população de Campo Grande – MS, cumprindo sua missão de instruir aos que vivem nesta nação. E assim como no passado, sua contribuição no campo educacional é perceptível à sociedade campograndense. Desejamos que novos estudos possam contemplar esta instituição que resistiu ao tempo e se mantém firme com o compromisso de educar.

REFERÊNCIAS

- AIZAWA, Priscila. **O ensino de ciências em uma instituição escolar brasileira: a constituição de uma identidade cultural japonesa**. 2011. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde) - Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.
- AOKE, Ana Hiroko. **A escolarização da comunidade nipônica do Bairro Parateí (1960-1980)**. 2015. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/10495>> Acesso em: 27-07-2017
- Associação Esportiva E Cultural Nipo-Brasileira (AECNB). **AYUMI. A Saga da Colônia Japonesa em Campo Grande**. Campo Grande: Gibim Gráfica e Editora Ltda, 2008.
- BARROS, José D. Assunção. A Nova História Cultural—considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos-DOI: 10.5752/P. 2237-8871.2011 v12n16p38. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011.
- BRASIL. Decreto-lei 406, de 4 de maio de 1938. **Dispõe sobre a entrada de estrangeiros em território nacional**: Diário Oficial da União - Seção 1 - 6/5/1938, Página 8494, Coleção de Leis do Brasil - 1938, Página 92 Vol. 2 (Publicação Original). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 23/04/2017.
- BRITO, Cláudia Regina de. **Escola Alegria de Saber: uma escola brasileira no Japão (1995-2011)**. 2012. 253 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2012. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SCAR_3f860440c9f6dab957345d81ec4ea4cd> Acesso em: 27-07-2017
- CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31, p. 07-18, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n31/a02v11n31.pdf>>
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Relatos orais de famílias de imigrantes japoneses: elementos para a história da educação brasileira: **Educação & Sociedade**, Ago 2000, Volume 21 Nº 72 Páginas 43 – 72 Disponível em: <<http://search.scielo.org/?q=escolas%20japonesas&where=ORG>> Acesso em: 20/06/2017
- EBENRITTER, Ana Lucia Pereira Borges. **Os imigrantes japoneses e o ensino primário rural no sul do antigo Mato Grosso (1950-1980)**. III EHECO- Catalão-GO, 2015 p. 89-100.
- ENNES, Marcelo Alaria. **Imigração e direitos na região Noroeste Paulista: estudos de sociologia**. UFPE. v. 12. fi. 1. 2006, p. 53-78. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/rev_socio/index.php/revista/article/download/219/178> Acesso em: 15/04/2016.
- HANDA, Tomoo. **O imigrante japonês: Histórias de sua vida no Brasil**. São Paulo: T.A. Queiroz/Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987

KOCHI, Joice Camila dos Santos. “**Escola Modelo De Língua Japonesa De Dourados-MS**”: movimentos, histórias e memórias de mulheres' 07/04/2017 109 f. Mestrado em Educação Instituição de Ensino: Universidade Federal Da Grande Dourados: Biblioteca Central da UFGD. 2017. Disponível em:
<<http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/MESTRADO-DOUTORADO-EDUCACAO/JOICE%20CAMILA%20DOS%20SANTOS%20KOCHI.pdf>>

KREUTZ, Lúcio. A educação de imigrantes no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA, Luciano Mendes Filho e VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, Marley Francisca de. **Um estudo sobre crenças de professores nikkeis**: abordagens de ensino em uma escola de colônia. 2015. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Cultura Japonesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2016.tde-11032016-134806. Acesso em: 2017-09-27. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-11032016-134806/pt-br.php>>

MARQUES, Kamila C. P. **O Shinsengumi e a queda do Xogunato Tokugawa (1600-1868): A EXPRESSÃO DOS VALORES DE UMA SOCIEDADE GUERREIRA**. Brasília-DF, 2014. Disponível em:
<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9343/1/2014_KamilaCristinyPereiraMarques.pdf>
Acesso em: 31/10/2016.

MORALES, Leiko Matsubara. **Cem anos de imigração japonesa no Brasil**: o japonês como ensino de língua estrangeira. 2008. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-28052010-140321/pt-br.php>> Acesso em: 2017-09-27

MOROSINI, Marília Costa. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior Conceitos e práticas. **Educar em revista**, n. 28, p. 107-124, 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/er/n28/a08n28.pdf>> Acesso em: 16/06/2017

MOROSINI, Marília; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/18875>> Acesso em: 22/05/2017

MOROSINI, Marília Costa. Estado de conhecimento e questões do campo científico. Educação (UFSM), Santa Maria, p. 101-116, dez. 2014. ISSN 1984-6444. Disponível em:
<<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reveducao/article/view/15822>> Acesso em: 28/06/2017

NISHIMOTO, Miriam Mity. **Herança cultural e trajetórias sociais nas memórias de professoras aposentadas de origem japonesa**' 01/06/2011 211 f. Mestrado em EDUCAÇÃO

Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, CAMPO GRANDE Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFMS, 2011.
Disponível em: <<https://sistemas.ufms.br/sigpos/portal/trabalhos/download/473/cursoId:60>>
Acesso em: 20/08/2017

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **As pesquisas sobre instituições escolares: balanço crítico**. Colóquio sobre pesquisa de instituições escolares, 2005, Campinas. Anais...
Campinas: UNICAMP; São Paulo: UNINOVE, 2005.

OMURO, Selma de Araujo Torres. **A escolarização da comunidade nipo-brasileira de Registro (1913-1963)**. 2015. 251 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em:
<<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/10467>> Acesso em: 10/06/2017

RIBEIRO, Regiane Regina; SOARES, Karen Greco. A diversidade de gênero nas organizações sob uma análise peuchetiana: novos sujeitos e implicações na prática das relações públicas. **Revista UNINTER de Comunicação**, v. 4, n. 6, p. 46-56, 2016.
Disponível em:
<<https://www.uninter.com/revistacomunicacao/index.php/revistacomunicacao/article/view/629>> Acesso em: 25/06/2017

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. **Diálogo Educacional**, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez., 2006.

SANFELICE, José Luís. História e historiografia de instituições escolares. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 9, n. 35, p. 183-200, out. 2012. ISSN 1676-2584.
Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639622>>. Acesso em: 22 set. 2017.

SETOGUTI, Ruth Izumi. **A tradição educacional entre os imigrantes japoneses e os nipo-brasileiros**. Anais do VIII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE- Curitiba, 2008. p. 1160-1174 Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/191_337.pdf> Acesso em: 15/04/2016.

SHIBATA, Hiromi. **Da casa de pau-a-pique aos filhos doutores: trajetórias escolares de gerações de descendentes japoneses (dos anos 1950 aos anos 1990)**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
doi:10.11606/T.48.2009.tde-22032010-140827. Acesso em: 2017-09-27. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22032010-140827/pt-br.php>>

SILVA, Francisca Jocineide da Costa. CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. **O estado da arte das pesquisas educacionais sobre gênero e educação infantil: uma introdução**. XVIII REDOR: Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero. Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2014.

SILVA, Rafael da Silva e. **A educação japonesa em Santos (1908-1943)**. 2011. 420 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Católica de Santos, Santos, 2011. Disponível em:
<<http://biblioteca.unisantos.br:8181/handle/tede/1163>> Acesso em: 26-07-2017

SOARES, Magda Becker, MACIEL, Francisca, (2000). **Alfabetização**. Brasília: MEC/INEP/COMPED (série Estado do Conhecimento). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me000084.pdf>>

SOUZA, Sinvaldo do Nascimento. **Singularidades da educação na colônia agrícola japonesa de Santa Cruz**. Dissertação (Mestrado em História) - UFF - Universidade Federal Fluminense, 2005. Disponível em: <http://www.uff.br/pos_educacao/joomla/images/stories/Teses/sinvaldo.n.s05.pdf> Acesso em 26/06/2017

TANAKA, Edna. **A volta dos filhos de dekaségui ao Brasil: escolarização, dificuldades e superação**. 2009. 151 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/16525>> Acesso em 20/04/2017

TERRIEN, J., & NÓBREGA-TERRIEN, S. “Os trabalhos científicos e o estado da questão: reflexões teórico-metodológicas”. **Estudos em avaliação educacional**, v.15, n.30, jul.-dez. 2004. Publicado igualmente In: FARIAS, I. M. S.; NÓBREGA-TERRIEN, S.M.; NUNES, J.B.C.. (Org.). Pesquisa científica para iniciantes: caminhando no labirinto. Fortaleza: EdUECE, 2011, v. 1, p. 33-51.

TONGU, Érica Ayaco Sacata. **Migrações, processo educacional e os dekaségui: um estudo da rede de relações em torno da criança nikkei na escola brasileira no Japão**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.48.2010.tde-05082010-114453. Acesso em: 2017-09-27. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05082010-114453/en.php>>

ZANELATTO, João H; GONÇALVES, Renan B. Campos de concentração/confinamento no vale do Araraguá durante a segunda guerra mundial. *Oficina do Historiador*, Porto Alegre, EDIPUCRS, v. 1, n. 6, jan./jun. 2013, pp. 3-22. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/oficinadohistoriador/article/view/12511>> Acesso em: 26/07/2017

ブラジル日本人移民 20 正規のあゆみ caminho dos imigrantes japoneses – Brasil – SÉCULO 20, ニッケイ新聞 Nikkey Shimbun – Jornal do Nikkey, 1999, p.141.

ANEXOS

ANEXO 1 – Relação das médias do 1º ano vespertino de 1949

3

Relação das médias do 1º ano vespertino

Nome	Português	Aritmética	Total	Mediocr	Comparta pontos	Caligrafia	Faltas	Comparta pontos	Classif. Copas
1 Yolanda Kazuko Esinem	100	100	200	100	100	100	4	208	1º
2 Azira Etzico Arakaki	100	100	200	100	100	97		212	1º
3 Mario Jenzó Minei	100	100	200	100	100	97	3	209	1º
4 Tereza Kanashiro	100	95	195	97	100	98	9	192	2º
5 Luiza Mitiko Nakamura	95	97	192	96	100	98		212	3º
6 Celso Nakaga	98	93	191	95	96	97		212	4º
7 Tocico Elisa Assimine	96	92	188	94	100	94	1	211	5º
8 Julio Massanori Hiane	97	90	187	93	98	92		212	6º
9 Itiro Jaime Kawano	89	96	185	92	97	87		212	7º
10 João Guinhei Miyagui	85	100	185	92	98	80		212	7º
11 Antonio Akitoce Shingate	92	92	184	92	97	92	1	211	7º
12 Kimico Kamiya	91	92	183	91	100	80		212	8º
13 Antonio Netsi	92	79	171	85	90	90	2	210	9º
14 Yaeco Rosa Naganime	92	77	169	84	100	92	2	210	10º
15 Mariza Satiko Satayama	82	83	165	82	100	82	1	211	11º
16 Elisa Mitsico Oshiro	78	85	163	81	97	87		212	12º
17 Nelson Eiki Guenka	80	82	162	81	96	78		212	12º
18 Maria Rita Eibani	78	79	157	78	100	75	2	210	13º
19 Julio Miyashiro	81	75	156	78	100	93	7	205	13º
20 Onely Kimico Naganima	94	62	156	78	100	86	3	209	13º
21 Arnaldo Kazukiske Ishy	78	76	154	77	93	68		212	14º
22 Julia Yaeco Kanashiro	79	69	148	74	93	84	3	209	15º
23 Cecilia Arakaki	86	92	178	89	97	76		212	16º
24 Taico Maria Uehara	78	92	170	85	93	82	4	208	2º
25 Celia Tocico Losigawa	93	74	167	83	94	85	1	211	3º
26 Martins Sintsi Cairá	70	94	164	82	100	86	3	209	4º
27 Mario Arakaki	93	65	158	79	98	81	5	207	5º
28 Zilda Julia de Campos	96	60	158	78	90	81	3	81	6º

ANEXO 2 – Relação das médias do 1º ano vespertino de 1949

Relação das médias do 1º ano vespertino

N.º de ordem	Nome	Português	Contabilidade	Total	Médias	Comparto-mentos	Caligrafia	Faltas	Comparci-mentos	Classifi-cação
9	Olinda Yano	87	70	157	78	98	82	12	200	6º
10	Luiza Miedo Kanashiro	76	77	153	76	98	75		212	7º
11	Maria Nakazato	92	58	150	75	100	95		212	8º
12	Adelina Shimabukuro	88	55	143	71	97	97	10	202	9º
13	Paulo Cassim Cairá	57	78	135	67	98	74	15	197	10º
14	Sonia Maria de Moraes	63	70	133	66	97	73	26	186	11º
15	Harumitsu Shimabuco	70	62	132	66	100	71	8	204	11º
16	Cícero Finschero Minei	66	64	130	65	98	60		212	12º
17	Luiz Shoji Miyashiro	61	69	130	65	100	75	12	200	12º
18	Haroldo dos Santos	81	46	127	63	94	95	18	158	13º
19	Rosa Kikuko Nakazu	63	60	123	61	100	68	4	208	14º
20	Oswaldo Fliza	66	50	116	58	71	76	5	207	15º
21	Salma Saiguite	73	40	113	56	63	58	12	200	16º
22	Julio Kenko Shimabuco	60	17	77	38	52	70	3	209	16º

Resumo Geral de 1949.

Alunos matriculados no ano	Premios de aplicação	
" eliminados " "	1º lugar	3
" frequentes " "	2º " "	1
Dias Escolares	3º " "	1
Total de Faltas		5
" " Comparcimentos	Plenamente	12
Frequência média		17
Porcentagem de frequência:	Simplemente	5
		22
Dr. Prof. Elza de Almeida Santiago	Reprovadas	20
Dr. Prof. Alexandre de Oliveira		42
	Premios de frequência:	14

ANEXO 3 – Relação das médias do 1º ano matutino de 1949

2

Relação das médias do 1º ano matutino

<i>Nº ordem</i>	<i>Nome</i>	<i>Português</i>	<i>Aritmética</i>	<i>Total</i>	<i>Médias</i>	<i>Comportamento</i>	<i>Caligrafia</i>	<i>Letras</i>	<i>Compara- cimento</i>	<i>Classifica- ção</i>
1	Síria Dorneles	100	94	193	96	100	100	7	194	1º
2	Amélia Kazuko Shimabuto	96	95	191	95	88	87	1	211	2º
3	João Isuha	96	90	186	93	82	93		212	3º
4	Trinide Dorneles	93	90	183	91	75	86	15	186	4º
5	João Shirama	88	94	182	91	73	78		212	4º
6	Paulo Banashiro	91	89	180	90	77	71		212	5º
7	Nicacio Ortega	86	93	179	89	96	88	1	211	6º
8	Aparecido Anastacio	95	81	176	88	76	83	1	83	7º
9	Amélia Yocico Arakaki	86	87	173	86	88	82	2	210	8º
10	Olivia Okumoto	90	81	171	85	87	87	4	208	9º
11	Carlos Nacão	82	87	169	84	92	55		108	10º
12	Mario Minatogawa	98	68	166	83	67	86	1	200	11º
13	Eonico Tamashiro	86	70	156	78	86	67	2	199	12º
14	Nely Benites	94	62	156	78	81	78	8	193	12º
15	Felício Ortega	84	66	150	75	96	82		201	13º
16	Arde Ferreira Gil	83	65	148	74	92	78	16	185	14º
17	Newton Toshiyumi Higa	73	65	138	69	74	58		212	15º
18	Roberto Hijomassa Miyasato	65	68	133	66	81	63	5	207	16º
19	Dementina Miyasato	94	74	168	84	86	85		212	C1
20	Oseias Ferreira Gil	80	82	162	81	93	72	23	178	2º
21	Airton de Matos	80	76	156	78	70	73	9	133	3º
22	Alberto Okumoto	68	74	142	71	72	62	1	211	4º
23	Altamiro Nakazato	66	68	134	67	56	81	3	209	6º
24	Diva Anache	66	75	141	70	75	54	1	211	5º
25	Armando Nakazato	68	55	123	61	65	56	3	209	7º
26	Alfredo Arakaki	47	56	122	61	80	55		212	7º
27	Agis José	60	58	118	59	74	65	3	209	8º
28	Alcides Anastacio	33	70	103	51	56	63	1	83	9º

ANEXO 4 – Relação das médias do 1º ano matutino de 1949

Relação das médias do 1º ano matutino

Alunos	Português	Aritmética	Geometria	Médias	Contabilidade	Caligrafia	Faltas	Comparativos	Classificação
21 Luísa Silva	53	46	99	49	75	55	4	197	reprovados
30 Leonel Minatogawa	47	45	92	46	52	52	1	200	
21 Dewais de Araujo	50	37	87	43	87	42	13	190	
Mario Barbosa	41	37	78	39	47	33	33	139	
30 Osvaldo Cabreira	47	25	72	36	67	35	3	198	
21 Ariel Valdivia			Faltas						

Resumo Geral de 1949.

Alunos matriculados no ano	Premios de aplicação	
" eliminados no ano	1º lugar	1
" frequentes no ano	2º lugar	1
Dias Escolares	3º lugar	1
Total de faltas		3
" " comparecimentos	Plenamente	9
Frequencia média		12
Porcentagem de frequencia.	Simplemente	7
Premios de frequencia: 8.		19
	Reprovados	15
		34

D. Prof.

D. Diretor

Luiz Alexandre de Oliveira

ANEXO 5 – Relação das médias do 2º ano vespertino de 1949

4

Relação das médias do 2º ano vespertino

Nome	Português	Alfabetica	Geografia	História	Ciência	Optal	Música	Compara- ção	Fa/ta	Compara- mento	Caligrafia	Quarta- feira	Geometria	Classifica- ção
1 Rosa Urakaki	100	100	100	100	100	600	100	100	-	211	86	100	100	1º
1 Silvio Akamine	98	100	100	97	97	590	98	100	-	211	80	51	98	2º
3 Lucia Miyahira	100	97	98	100	98	593	98	100	-	211	82	80	100	2º
4 Maria Hohaki	100	97	98	98	100	593	98	100	2	209	80	100	100	2º
5 Tadão Urakaki	86	95	82	89	91	543	95	100	1	210	68	40	100	3º
5 Pedro Hoiane	97	94	82	82	88	543	95	100	-	211	92	43	100	3º
6 Tilia Miyashiro	97	92	79	88	88	539	89	100	-	211	86	100	95	4º
7 Maria D. Cinem	89	94	73	82	82	513	85	100	3	208	67	95	93	5º
1 Mário Iwanashiro	95	95	72	93	95	503	83	100	2	209	80	47	53	6º
2 Amélia Y. Urakaki	76	90	72	67	84	479	79	100	-	211	68	100	90	7º
1 Alfeu Yule	84	68	68	84	82	472	78	100	2	195	65	38	96	8º
2 Dirce Wakarato	89	73	61	71	76	430	71	100	5	206	72	100	60	9º
3 Pedro Destro	83	51	60	75	77	422	70	100	34	151	76	17	76	10º
4 Max Duquist	79	61	72	52	68	410	68	100	6	101	50	20	78	11º
5 Neusa Kamiya	97	63	53	77	40	402 ³⁰	67	100	6	205	74	100	72	11º
5 Laura Oshiro	65	80	61	60	56	388	64	100	-	211	64	100	66	13º
7 Yolanda Hoiga	83	56	54	60	61	387	64	100	-	211	73	96	73	13º
8 Walter Sant'Ana	79	52	52	70	67	383	63	97	-	211	60	27	63	14º
9 Missaco Nakazato	87	62	43	60	61	383	63	100	3	208	64	85	70	14º
20 Josi Issigawa	66	58	61	57	58	370	61	100	-	211	47	30	70	15º
21 Josi Bobrokakag	69	57	61	63	58	371	61	100	2	209	64	36	63	15º
12 Anita Urakaki	60	73	42	46	50	351	58	100	-	191	83	100	80	16º
13 Manira Anache	68	87	41	53	45	340	56	100	3	208	79	97	46	17º
14 Lucita Uehara	65	35	47	45	68	326	54	100	-	211	73	100	66	18º
25 Carlos Hortidos	63	52	53	55	51	324	54	93	14	187	68	31	50	18º
26 Isidoro Arakaki	66	73	45	51	55	320	53	100	1	210	62	32	30	19º
27 Adiomar M. Batista	71	45	54	47	53	303	50	100	20	191	52	65	33	20º
28 Maria D. Oshiro	59	66	50	37	51	301	50	100	2	209	63	98	48	20º
29 Rilda Araújo	67	33	46	46	53	290	50	100	18	197	63	77	45	20º

ANEXO 6 – Relação das médias do 2º ano vespertino de 1949

Relação das médias do 2º ano vespertino.

Nome	Português	Matemática	Geografia	História	Ciências	Geometria	Total	Média	Comportamento	Faltas	Comparecimento	Caligrafia	Trabalho Dom.	Classificação
30 Eilda Traayo	62	33	40	51	47	46	279	46	100	28	169	63	61	1ª
31 Hiroko Zaha	51	46	27	35	33	30	222	37	100	4	195	52	93	2ª
32 Paulo Nakazato	42	37	24	32	34	20	189	31	100		211	47	40	3ª
33 Cassaharo Uehara	50	31	28	28	26	26	189	31	100	9	202	35	45	4ª
34 Teriza Arakaki	39	32	26	22	28	23	170	28	100			63	100	5ª
35 Antônio Konomashu	32	25	33	23	17	20	160	26	100	2	195	22	22	6ª
36 Oswaldo Konomashu	37	26	28	22	25	20	158	26	100	4	193	48	32	7ª
37 Felix Arakaki	38	23	21	18	18	30	148	24	100	1	210	27	22	8ª

Resumo Geral de 1949

Alunos matriculados no ano

" eliminados " "

" frequentes

Dias escolares

Total de faltas

" " comparecimentos

Frequência média

Porcentagem de frequência

Prêmios de aplicação:

1º lugar 1

2º " 3

3º " 2

6

Plenamente 3

9

Simplesmente 20

29

Reprovados 18

37

Prêmios de frequência: 12

O Prof:

D. Diretor:

Luis Alexandre de Oliveira

ANEXO 7 – Relação das médias do 2º ano matutino de 1949

5

Relação das médias do 2º ano matutino

Nome	Português	Aritmética	Geografia	História	Ciência	Total	Média	Compreensão	Faltas	Compreensão	Caligrafia	Escrito	Desenho	Classificação
1. Mary Kagami	100	95	96	99	100	490	98	100		212	100	100		1º
2. Elza Emoyosse	99	100	92	100	100	491	98	100		212	100	100		1º
3. Irineu Hoiga	99	93	97	98	99	486	97	100	5	205	100		100	2º
4. Kiro Zenokiyam	98	92	97	98	100	485	97	100	10	202	100		90	2º
5. Carlos Maciel	94	95	100	90	90	474	94	97	14	94	100		100	3º
6. Norimassa Umab.	99	81	95	99	98	466	93	96	20	192	98		100	4º
7. Paulo Hoiga	94	85	86	94	91	450	90	97		212	75		80	5º
8. Kenza Hoiga	98	86	81	85	95	445	89	100	1	211	79	88		6º
9. Paulo Miyasato	94	91	87	81	84	437	87	100	17	194	96		94	8º
10. José A. Pereira	95	88	78	91	91	443	88	91	7	205	91		74	7º
11. José Anastacio	95	85	76	98	80	434	86	97	9	75	81		75	9º
12. Luis Kamiya	92	73	82	87	83	417	83	91		212	71		87	10º
13. Victor Barbosa	88	67	67	76	84	382	76	82	16	96	56		43	11º
14. Evanildo da Silva	87	62	66	78	83	376	75	81	14	198	70		60	12º
15. Aziza José	92	62	69	75	80	378	75	92	1	211	100	94		12º
16. Marisa dos Santos	81	60	63	83	91	378	75	90	7	187	82	72		12º
17. Sussef José	91	41	64	85	84	365	73	91	4	208	56	65		13º
18. Hideto Miyahira	85	64	66	64	85	365	73	93		212	73	87		13º
19. Maria Hokatsu	91	72	56	64	53	352	70	100	24	188	75	40		15º
20. Janete Omido	88	44	63	81	81	357	71	98	39	141	96	83		14º
21. Mécia Cavalcanti	86	58	71	58	75	348	69	95		212	98	80		16º
22. Antônio Trigue	83	67	61	68	61	340	68	91	8	204	81		100	17º
23. M. da Glória Riquelme	84	65	47	70	71	337	67	94	2	202	73	93		18º
24. Emilia Oyadomari	79	64	48	56	63	319	63	100	3	209	70	80		19º
25. Irma Hoiga	68	61	58	55	58	300	60	100		212	97		100	20º
26. Suisi Hopemas	74	55	49	53	62	293	58	96		212	81	96		21º
27. Mário Urakaki	75	63	46	40	63	287	57	95	3	209	60		95	22º
28. Júlia M. Goya	85	70	45	32	54	286	57	100		212	61	80		22º
29. M. de L. N. Feha	95	49	48	47	48	287	57	95	2	210	73	88		22º

ANEXO 8 – Relação das médias do 2º ano matutino de 1949

Relação das médias do 2º ano matutino

Nº Ordem	Nome	Português	Matrícula	Geografia	Artes	Ciência	Totaf.	Média	Comp.	Faltas	Comparações substit.	Salvo- passado	Exatidão	Ornato	Classif.
30	Kunichiku Akama	67	39	26	34	40	206	41	90	20	193	60	67	67	Rep.
31	Mario H. Oyakaki	63	45	33	22	39	203	40	87		212	57	67		24
3	Goico Kamiya	64	38	20	32	25	179	35	100	1	211	64	67		25
32	Leda Bogalho	55	26	23	31	33	168	33	91	16	194	68	38		26
32	Chukijo Cobaru	47	37	17	19	26	146	29	87	2	210	50		68	27
35	Seizim Orakaki	37	38	25	24	20	144	28	87	5	207	54		67	28
3	Isabel de Sousa	36	31	6	40	21	103	27	90	14	73	40		50	29
30	George B. Abdo	44	27	18	23	17	129	25	100	12	200	67		72	30

Resumo Geral do ano de 1949.

Alunos matriculados no ano

Prêmios de Aplicação

" eliminados

" frequentes

Dias escolares

Total de faltas

" " comparecimentos

Frequência média

Porcentagem de frequência

Prêmios de frequência:

Plenamente

Simplesmente

Reprovados

1º lugar 2

2º " 2

3º " 1

5

7

12

17

29

8

37

Dr. Prof.ª Gláucia Alves Rodrigues

D. Diretor

Luiz Alexandre de Oliveira

ANEXO 9 – Relação das médias do 3º ano vespertino de 1949

6

Relação das médias do 3º ano vespertino

Nome	Português	Matemática	Geografia	História	Ciência	Total	Médias	Comportamento	Faltas	Comportamento - comentado	Caligrafia	Trabalho	Desenho	Criatividade
1 Joaquim Arakaki	90	100	98	97	93	478	95	100	6	205	90		100	1º
2 João Oshiro	91	94	97	93	94	469	94	100	1	210	96		100	2º
3 Fernando Tamano	92	93	98	94	91	468	93	90		211	90		100	3º
4 Tereza Oshiro	92	95	92	92	95	466	93	100		211	100	100		3º
5 Inkuosim Tamashiro	85	96	93	92	95	461	92	96	2	209	70		100	4º
6 Julio Inafuco	79	80	94	91	96	440	88	85	14	197	90			5º
7 Kazuko Miyahira	95	90	91	82	75	433	86	100	9	202	100	100		6º
8 Issamu Kobaru	75	83	85	85	85	413	82	81	8	203	90		90	7º
9 Tereza Eoma	85	73	78	86	78	400	80	100	4	207	100	100		8º
10 Mitsuko Shimabukuro	78	77	80	76	84	395	79	93	6	205	100	100		9º
1 Kiyotaka Oshiro	85	83	76	77	71	392	78	80	3	208	80		100	10º
2 Kelti Yosa	79	63	75	82	88	387	77	96	6	205	80		100	11º
3 Amelia Arakaki	82	74	68	80	71	375	75	92	4	207	80	100		12º
4 Alberto Cubel	70	58	82	82	82	374	75	76	18	193	50		20	12º
5 Alice Batista	75	52	77	86	80	370	74	96	3	208	97	100		13º
6 Akitoce Yonamine	65	67	76	70	76	354	70	96	6	205	50		60	14º
7 Maria Cairá	72	66	76	53	86	353	70	100	7	204	100	100		14º
8 Carmelina J. de Campos	85	49	79	61	63	337	67	100	3	208	100	100		15º
9 Eige Oshiro	60	61	77	70	67	335	67	90	4	207	90		100	15º
10 Bernardo Miyashiro	78	75	69	50	58	330	66	90		211	100		100	16º
1 Alberto Miyahira	81	63	56	65	52	317	63	80	9	202	50		20	17º
2 Tereza Kiyama	81	50	75	52	61	315	63	100			100	100		17º
3 Hilda Minei	62	62	50	53	64	291	58	100	2	209	80	100		18º
4 Luisa Kohatsu	61	50	62	51	65	289	55	100	5	206	90	100		18º
5 Maria Okumoto	72	42	63	41	70	288	57	93	8	203	100	100		19º
6 Abadia Nakazato	66	50	51	54	61	286	56	100	5	206	70	100		20º
7 Massaco Nagamine	76	58	56	44	41	275	55	100	7	204	100	100		21º
8 Yuriko Arakaki	62	58	52	48	48	268	53	100	1	210	70	100		22º

ANEXO 10 – Relação das médias do 3º ano vespertino de 1949

Relação das médias do 3º ano vespertino

Nº de ordem	Nome	Português	Aritmética	Geografia	H. Brasil	Penícia	Total	Médias	Comp.	Faltas	Compar. ant. 15	Caligrafia	Trabalho	Desenho	Classe
29	Ailton Vargas	46	51	59	53	54	263	52	62	20	191	70		47	23
30	Aide Batista	58	32	66	39	50	249	50	100	2	199	100	100		24
31	Helena Okamoto	46	37	37	33	44	197	39	100	1	210	90	100		25

Resumo Geral do ano de 1949.

Alunos matriculados no ano

" eliminados " "

" frequentes

Dias escolares

Total de faltas

" " comparecimentos

Frequência média

Porcentagem de frequência

Prêmios de aplicação

1º lugar 1

2º " 4

3º " 2

4

Plenamente 5

9

Simplesmente 21

30

Reprovados 1

31

Prêmios de frequência 3.

A Professora: Ucy T. Kagamine.

O Diretor:
Luiz Alexandre de Oliveira

ANEXO 11 – Relação das médias do 3º ano matutino de 1949

7

Relação das médias do 3º ano matutino

Nº de ordem	Nome	Português	Matemática	Geografia	H. do Brasil	Ciências	Total	Médias	Comportamento	Faltas	Compreensão	Caligrafia	Trabalho	Desenho	Classificação
1	Chita Biga	100	100	100	95	100	495	99	98			100	100		1º
2	Jorge Kamiya	100	97	93	96	98	484	96	100	1	211	86		90	2º
3	Rosa Mitsuyo	99	92	97	98	98	484	96	100	2	165	95	88		2º
4	Rosa Miyashiro	97	89	95	91	94	466	93	98	3	209	100	86		3º
5	Kely Nakazato	96	96	93	88	96	469	93	100	1	211	98	92		3º
6	Neuza Espindola	87	89	85	92	88	441	88	92	4	208	87	98		4º
7	Amélia Biga	92	70	79	80	92	413	82	98	4	208	95	85		5º
8	Adiles Ramão	85	69	77	91	80	402	80	100	41	171	97	52		6º
9	Carmin Tamara	84	68	74	80	81	387	77	97			88	74		7º
10	Odil de Figueiredo	63	88	76	73	83	383	76	90	2	73	80		83	8º
11	Luis Luriquem	73	81	65	67	75	361	72	94			90		73	9º
12	Francisco Miyasato	82	76	62	67	71	358	71	88	1	211	82		91	10º
13	Sonia Kiyomura	76	65	60	61	70	332	66	98			84	77		11º
14	Jorge Maeshiro	67	55	64	62	77	325	65	87			65		72	12º
15	Luzia Ferreira	66	62	60	68	67	323	64	93	31	181	81	53		13º
16	Yolanda Miyashiro	66	66	57	55	71	315	63	98	4	208	74	96		14º
17	Luiza Arakaki	71	60	64	53	66	314	62	100	9	209	74	78		15º
18	Alice Akamine	65	55	56	58	67	301	60	100			77	92		16º
19	Amélia Goya	68	62	52	44	66	292	58	98			81	85		17º
20	Yuriko Okamoto	67	53	61	47	63	291	58	96	1	211	77	76		17º
21	Mufida Vater	68	42	54	46	64	274	54	95	18	194	74	52		18º
22	Paulo Esmem	52	56	51	48	58	265	53	87	6	206	65		80	19º
23	Dina C. Queiroz	51	35	37	48	50	221	44	100	27	147	68	45		20º
24	Oswaldo Aguerli	55	33	34	61	35	218	43	77	71	141	60		38	21º
25	Milton Kanashiro	53	30	32	48	41	204	40	87	1	211	67		92	22º

ANEXO 12 – Resumo Geral do 3º ano matutino e 4º ano matutino de 1949

Resumo Geral do ano de 1949	
3º ano matutino	
Alunos matriculados no ano	Premios de aplicação
" eliminados " "	1º lugar 1
" frequentes	2º " 2
Dias escolares	3º " 2
Total de faltas	5
" " comparecimentos	Permanente 3
Frequencia média	8
Porcentagem de frequencia	Simplemente 14
Premios de frequencia	22
	Reprovados 3
	25
4º ano	
Alunos matriculados no ano	Premios de aplicação
" eliminados " "	1º lugar 1
" frequentes	2º " 2
Dias escolares	3º " 2
Total de faltas	4
" " comparecimentos	Permanente 1
Frequencia média	5
Porcentagem de frequencia	Simplemente 39
Premios de frequencia	44
	Reprovados 2
	46
Dr. Prof. <i>Antônio</i>	<i>Alvaro de Oliveira</i>

ANEXO 13 – Relação das médias do 4º ano vespertino de 1949

Relação das médias do 4º ano vespertino

Nome	Português	Instrução	Geografia	História	Ciência	Total	Média	Portug. mensal	Faltas	Comportamento	Caligrafia	Trabalho	Desenho	Classificação
1 Paulo Y. Nagamine	90	95,5	93	97	94,9	471,1	94	97,7	4	172	93,3		41	1º
2 Maria Tokie Uchi	88,8	86,5	92,7	85	96	449	89,8	100		2	98,8	100		2º
3 Elza C. Toma	88,5	86	90	89,8	94,4	448,7	89,7	98,8	3	207	100	100		2º
4 Cinélia Akamine	85	88,7	78,7	92,5	83,7	413,1	86	100	1	115	100	100		3º
5 Arnaldo Batista	81	83	83,8	90,5	84,4	423	84,4	92,2	7	169	95,5		62,2	4º
6 Julio Oshiro	77	82,7	83,8	77,2	78,3	400	79,4	84,4	1	175	74,4		33,3	5º
7 Anita A. Akamine	80,8	91	86	77	62,5	392	79,4	100	2	92	100	100		5º
8 Jose S. Sakagawa	78,8	81	77,7	66	89,5	378	75,6	92,2	2	196	91		40	6º
9 Anita Y. Arakaki	68,5	75,5	79,5	64	92	371	74	98,8			95,5	100		7º
10 Alice Kiyomura	84	69	75	64	81	371	74	100	14	196	100	100		7º
11 Luiza C. Onido	75	76	77	59	84	370	72,9	98,8	6	204	93,3	100		8º
12 Roberto Nakagato	64	84,4	77	63	72,7	365	72,7	98,8	3	173	87,7		50	8º
13 Cocho Higazi	64	72	89,5	71	76	363	72	75,5	6	170	87,7		35,5	8º
14 Alberto Zinger	74	62,7	76	66,6	78	358	71	91	1	209	90		70	9º
15 Arlindo Yamiko	72	67,4	74,6	80	65	361	71	95,5	21	197	91		50	9º
16 Luiza Maecawa	58	68	75	67,5	78,7	355	70,7	100	16	194	90	100		10º
17 Seisho Goya	68,4	71,5	82,7	45,5	84	352	70,3	100		175	90		42,2	10º
18 Francisco Yonamine	57,5	77,6	72	61	74,4	353	70,3	91	1	175	83,3		46,6	10º
19 Yolanda C. Urakahi	75	78,7	66,6	52,7	76,6	350	69,8	97,7	6	204	90	100		11º
20 Jorge Y. Miyashiro	64	65,5	74	61,6	81,7	340	69	96,6	8	168	96,6		42,2	11º
21 Atalado Oshiro	70,6	68	71	66	67,7	344	68,6	97,7	3	207	88,8	98,8		12º
22 Celia Guenka	74,3	62	68,3	60	72,7	339,5	67,7	98,8	1	209	93,3	98,8		13º
23 Maria M. Nakagato	69	74,6	62,7	67,7	66,6	336	67	100	4	206	86,6	100		13º
24 Antonui Nagamine	69,5	60,6	71	63	69	327	65,4	83,3	3	173	81		45,5	14º
25 Helina Y. Arima	68,5	60,7	57,7	60,5	72,7	321	64	97,7			92,2	100		15º
26 Julia Tamawaha	68	53	59	60	79	319	63,8	98,8			91	97,7		16º
27 Julio Kanashiro	44	68,7	68,8	50	72	306	61	94,4	6	170	84,4		41	17º
28 Paulo M. Cernya	55,6	62,7	61	62	82,7	324	63	80	2	174	65,8		42,7	18º

ANEXO 14 – Registro de matrícula de 1936

		<i>Matricula dos</i>											
Numero de Matricula	Numero de ordem no anno	NOMES	IDADES			Naturalidade	EPOCAS DAS INSCRIPÇÕES						Anno do Curso
			Dia	Mez	Anno		Na matricula primitiva			Na matricula do anno lectivo			
							Dia	Mez	Anno	Dia	Mez	Anno	
	1	Shoshi Sinsato			1925	Brasilio				1º	2	1933	1º
	2	Saine Ota			26	"				"	"	"	"
	3	Rintô			23	"				"	"	"	"
	4	Kiyoko Hidaka			"	"				"	"	"	"
	5	Socio			24	"				"	"	"	2º
	6	Tuyaco Toma			26	"				"	"	"	1º
	7	Shijé			23	"				"	"	"	3º
	8	Shiko			22	"				"	"	"	4º
	9	Katsu Osiro			26	"				"	"	"	1º
	10	Shoaki Uchi			26	"				"	"	"	"
	11	Mizsa Tokuy			"	"				"	"	"	"
	12	Yonico Arai			"	"				"	"	"	"
	13	Shino			23	"				"	"	"	2º
	14	Yoshi Ota			23	"				"	"	"	1º
	15	Shijun			21	"				"	"	"	1º
	16	Mie Simabuco			24	"				"	"	"	1º
	17	Mocimobu Simabuco			26	"				"	"	"	"
	18	Yasutake Ota			24	"				"	"	"	"
	19	Hama Uyekara			24	"				"	"	"	"
	20	Hirote			22	"				"	"	"	2º
	21	Gyenki Goya			24	"				"	"	"	1º
	22	Tokoko			26	"				"	"	"	2º
	23	Yukiti			22	"				"	"	"	"
	24	Shunko			19	"				"	"	"	1º
	25	Shiku Tamahaha			23	"				"	"	"	1º
	26	Shiro Osino			24	"				"	"	"	"
	27	Shijun			23	"				"	"	"	2º
	28	Kabu Onakaki			23	"				"	"	"	1º
	29	Zenko			19	"				"	"	"	1º
	30	Shunji Minashino			25	"				"	"	"	1º
	31	Shijaco Onakaki			"	"				"	"	"	"
	32	Kinzei			21	"				"	"	"	2º

ANEXO 15 – Registro de matrícula de 1936

1

alunos da Escola Visconde de Cairi

FILIAÇÃO	PROFISSÃO DO PAE	RESIDENCIA		OBSERVAÇÕES
		RUA	N.º	
<i>Shikiti Shimoto</i>	<i>Barbeiro</i>	<i>Av. Mato Grosso</i>		
<i>Iku Ota</i>	<i>Industrial</i>	<i>M. Pequeno</i>		
<i>Keiji Hidaka</i>	<i>Livrador</i>	<i>Rincão</i>		
<i>Keiji Soma</i>	<i>Barbeiro</i>	<i>João Pessoa</i>		
		"		
<i>Oshio Takemore</i>	<i>Comerciante</i>	"		
<i>Kand Uchi</i>	<i>Sinturico</i>	<i>R. Aquino</i>		
<i>Junta Soly</i>	<i>Carpinteiro</i>	<i>15 de Maio</i>		
<i>Shichon Don</i>		<i>Aquidauana</i>		
<i>Kame Ota</i>	<i>Comerciante</i>	<i>Amambai</i>		
<i>Tokuhiro Shimabuco</i>	<i>Docero</i>	"		
<i>Kame Ota</i>	<i>Linheiro</i>	<i>26 de Agosto</i>		
<i>Oshi Myohara</i>	<i>Inducrio</i>	<i>Corrego Plova</i>		
<i>Keiji Goya</i>	<i>Linheiro</i>	<i>26 de Agosto</i>		
	"	"		
	"	"		
<i>Kamin Samanaha</i>	"	<i>Ant.º M. Calho</i>		
<i>Kanado Oshio</i>	<i>Linheiro</i>	"		
	<i>Inducrio</i>	"		
<i>Yono Anakaki</i>	"	<i>Bandeira</i>		
	"	"		
<i>Kame Miyashiro</i>	"	"		
<i>Keiji Anakaki</i>	"	"		
	"	"		

ANEXO 17 – Registro de matrícula de 1936

2

alumn d

FILIAÇÃO	PROFISSÃO DO PAE	RESIDENCIA		OBSERVAÇÕES
		RUA	N.º	
Usato	Vertunero	Bandeira		
Yonaha	Industrial	Correio Prosa		
Hatigoro	Agricultor	"		
"	"	"		
"	"	"		
Kame	Lavadeira	Estação		
Yamahata	Lavador	"		
Shinku	"	Casado		
Tomado	"	"		
Shinske	"	Ant. M. Coelho		
Shiki	Sinturino	D. Aquino		
"	"	"		
Koiti	Comerciante	Ant. M. Coelho		
Kana	Vertunero	Bandeira		
Kusu	"	"		
Yoshi	Fotografo	Av. Af. Pena		
"	"	"		
Shin	Comerciante	José Pissia		
Shiki	"	Cor. Prosa		
"	"	"		
Shigiyoshi	Carpinteiro	Estações		
Shizuo	Emp.º estrada	"		
"	"	"		
Kame	Peixeiro	Mangue		
"	"	"		
"	"	"		
Shosii	Barbeiro	"		

ANEXO 19 – Registro de matrícula de 1936

FILIAÇÃO		PROFISSÃO DO PAE	RESIDENCIA		OBSERVAÇÕES
			RUA	N.º	
Chosi	Dshiro	Barbeiro	Mangue		
Kame	Acamine	Chauffeur	D. Agulino		
Chosi	Yamachi	Lavrador	João Pessoa		
Chukou	Arakaki	Verdureiro	Cor. Prosa		
Buko	Yonamine	"	"		
Yiunke	Goya	"	"		
Zinhei	"	"	"		
Matoukichi	Dshiro	Leiteiro	Ant. M. Coelho		
Gorou	Simabuco	"	"		
Shitaro	Acamine	Verdureiro	Bandeira		
Suchi	Arakaki	"	"		
Watigoro	Nacazun	Fazendeiro	Cor. Prosa		
Kame	Chibana	Fintureiro	13 de Maio		
Joku	Dshiro	Leiteiro	Ant. M. Coelho		
Sukiti	Shinsato	Barbeiro	Ar. Alf. Pena		
Kosii	Arakaki	Mecânico	Aquidauana		
Ashin	Miyahira	Verdureiro	Rio Branco		
Tomatsu	Kiane	Lavrador	Mangue		
Fosin	Arakaki	Verdureiro	Bandeira		
Muta	Tana	Carvoeiro	Casado		
Uoro	Arakaki	Verdureiro	B. Rio Branco		
Tenzo	Sugui	Carpinteiro	Estação		
"	"	"	"		

ANEXO 20 – Registro de matrícula de 1936

Matricula d

Numero de Matricula	Numero de ordem no anno	NOMES	IDADES			Naturalidade	EPOCAS DAS INSCRIÇÕES						Anno do Curso		
			Dia	Mez	Anno		Na matricula primitiva			Na matricula do anno lectivo					
							Dia	Mez	Anno	Dia	Mez	Anno			
97		Shikiti Yonamine			1921	Brasileiro									3 ^o
98		Camilo "			19	"									4 ^o
99		Nobuko Arakaki			24	"									3 ^o
100		Takao Goya			19	"									4 ^o
101		Manabu Muta			21	"									3 ^o
102		Makoto "			22	"									"
103		Shijo Oono			21	"									4 ^o
104		Ono Satina			20	"									1 ^o
105		Zahia Saffe			26	"									"
106		Erme "			28	"									"
107		Mae Shimabuco			22	Japoneza									"
108		Umiko "			23	"									"
109		Shizuko Nagayato			19	Brasileira									4 ^o
110		Macao "			23	"									2 ^o
111		Legario J. Assuncao			26	"									1 ^o
112		Antonio B. "			24	"									"
113		Luiza Kanashiro			26	"									2 ^o
114		Fukuei "			20	"									4 ^o
115		Toyo Miyahira			17	"									"
116		Fumie Arakaki			22	"									"
117		Zinkoichi "			24	"									4 ^o
118		Shiko Miyashiro			22	Japoneza									"
119		Clairice Mendes			25	Brasileira									"
120		Kimiko Fukagawa			20	Japoneza									"
121		Osio Nagasun													"
122		Yocid Hidaka			24	Japoneza									"

alumn d

FILIAÇÃO	PROFISSÃO DO PAE	RESIDENCIA		OBSERVAÇÕES
		RUA	N.º	
Kama Yonamine	Emp. Estrada	Estações		Foram eliminados os seguintes alunos:
Matsuo Anakahi	Carpinteiro	D. Aquino		1. Jaime Dta
Dshi Goya	Vendedor	C. Prsa		2. Ruth "
Shoichi Muta	"	Bandeira		3. Kiyoko Hidaka
Matsuke Oiro	Parador	Jão Pessoa		4. João B.
Andrisa Salina	Chefe Trem	R. Av. M. Colho		5. Katsu Oshira
Kalil Saffe	Comerciante	" "		6. Firoaki Uchi
Zusaburo Simabuco	Parador	" "		7. Yujin Dta
" "	"	M. Segredo		8. Yasutake "
Matsu Maezato	Vendedor	Amambai		9. Etsuhei Goya
Signo	"	Bandeira		10. Masamori Osato
João Evangelista	Padre	Av. M. Grosso		11. Misae Nacazun
Huko Saburo Kanashiro	Barbeiro	" "		12. Hiro "
" "	"	Jão Pessoa		13. Shiyoko Yurahoco
Itei Miyuhira	Hotaleira	Av. M. Grosso		14. Masao Goya
Seiko Nacazato	Vendedor	Bandeira		15. Heichou Oshira
Tokiti Anakahi	Comerciante	Maracajui		16. Kamado "
Hshi Miyashiro	Vendedor	Cucardo		17. Ana Salina
Trineu Mendes	Telegrafista	Estações		18. Nai Simabuco
" Inakagawa	Parador	Pincão		19. Olegario F. A.
" "	"	Cor. Prsa		20. Umberto B.
" "	"	Pincão		21. Suvuro Nacazato
" "	"	"		22. Comico Yasumoto
" "	"	"		23. Clarice Mendes
" "	"	"		24. Zohia Saffe
" "	"	"		25. Erine Saffe

Foram repetidos os nomes:
Hiro Nacazun
Irei

ANEXO 22 – Poema de Ulisses Cuiabano de 1948

do Brasil
 de 1948

ESCOLA "VISCONDE DE CAIRÚ"

Ulisses Cuiabano

Chego às portadas deste augusto templo
 e contemplo:
 — bandadas graciosas de petizes
 felizes,
 a receber nos cérebros em flor
 a dose salutar, quotidiana,
 de sã educação, da qual promana
 da pátria e da ciência o doce amor.

Crianças: — um poeta já nos disse
 que o livro é porta aberta para a luz.
 Entrai por ela. A vossa meninice
 é um canteiro de rosas, que produz
 o odor, que seguirá, — divina essência, —
 os trâmites incertos da existência.

Estudai, e com fé: os professores
 ouvi, com atenção.
 Ele só vos dará
 as primícias do bem, — que são primores
 para adornar o vosso coração.

Preparai, ó meninos, vossa mente,
 para receber
 a bendita semente
 do saber.
 E depois colhereis opinos frutos
 de suave sabor:
 — os preciosos, tidimos produtos
 de subido valor.

Os pensamentos bons, idéias claras,
 que nos elevam por essas sendas raras
 da justiça, do amor e da bondade
 e de todos os bens desta existência,
 residem, justamente, na verdade,
 que é luz que brilha com maior fulgência.

É na escola, — esse ninho de candura,
 onde os mestres, com múltiplos desvelos
 tratam com meiga e paternal ternura
 e incômparáveis zelos
 essas boninas, que sois vós, crianças,
 que germais, a gular a nossa vida,
 — o caráter —, o dom que dá guarida
 à linda flor das nossas esperanças.

Por isso, ao penetrar no santuário
 do estudo, com profunda e justa união,
 bendigo o livro — autêntico sacrário
 que encerra, sem pedir compensação,
 o esplendor da lição.

Esta escola gentil:
 — «Visconde de Cairú» —, com trinta anos
 de serviços prestados ao Brasil,
 tornou-se um dos colégios veteranos
 de Mato Grosso inteiro, onde se expande,
 firmando da colônia japonesa
 o prestígio e o trabalho, certeza
 de ser, para a formosa Campo Grande,
 um pedrão de progresso e de riqueza
 e de ser, para esta terra,
 um pedrão de orgulho e de prazer,
 porque encerra
 — o amor da pátria e o gosto do saber.

Salve! escola gentil,
 — «Visconde de Cairú» — joia altaneira
 e alviçareira
 deste amado torrão — o meu Brasil.

8/48